OÇÕES SYNTHETICAS

DE

POETICA

COORDENADAS PARA USO DOS SEUS DISCIPULOS

POR

José Gonçalves Lage

COIMBRA
LIVRARIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA
DO EDITOR
MANUEL DE ALMEIDA CABRAL
161—Rua da Calçada—165

1880

NOÇÕES SYNTHETICAS

DE

POETICA

COMPENDIO

approvado pela Junta Consultiva de Instrucção Publica

NOÇÕES SYNTHETICAS

DE

POETICA

COORDENADAS PARA USO DOS SEUS DISCIPULOS

POR

JOSÉ GONÇALVES LAGE

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1880

AO

EXCELLENTISSIMO SENHOR

DR. ANTONIO CANDIDO RIBEIRO DA COSTA

ORNAMENTO DO PULPITO E DA TRIBUNA

EM TESTEMUNHO PUBLICO E SOLEMNE DE SINCERA AMIZADE
RECONHECIMENTO E GRATIDÃO

O. D. e C.

O auctor.

DUAS PALAVRAS DE PROLOGO

Correm em nossas escholas differentes compendios de Poetica, e por isso desnecessario se torna este opusculo.

Não procuramos substituir nenhum.

Tendo porém de preparar alguns alumnos para o respectivo exame, coordenámos uns apontamentos para nos servirem de guia na exposição das doutrinas. Foi d'estes apontamentos, extrahidos de differentes auctores, que nasceu o modestissimo livro que hoje sáe a lume.

Talvez alguem o accuse de não pertencer rigorosamente á eschola classica, nem rigorosamente á eschola romantica. Sem dúvida ambas têem virtudes e bellezas que se devem abraçar, e ambas têem defeitos em que se não deve cahir. Porisso nem tanto ao mar, nem tanto á terra.

Nunca foi virtude seguir extremos.

Fazer pois comprehender a doutrina d'estas duas escholas aos nossos alumnos, dar-lhes uma idêa summaria da Poetica, facilitar-lhes o estudo e preparal-os para o respectivo exame, é o verdadeiro alvo a que visam nossos esforços. Se o conseguirmos, teremos attingido o nosso unico fim.

O auctor.

I

Definições geraes

1. Considerada etymologicamente, a palavra **Poesia** deriva-se de ποίησις (poiesis) confecção, e costuma definir-se — *a linguagem da paixão e da imaginação viva e animada, fallada ou escripta, ordinariamente sujeita a uma medida regular.*

2. **Poéma** é — toda e qualquer composição poetica.

Poetica é — a arte que dirige o genio na composição de qualquer poéma.

Segundo o sr. Simões Dias, **poetica** é — o estudo da natureza, linguagem e manifestações da poesia [1].

---

[1] D'esta definição deprehende-se que sam tres as partes da poetica.

Na primeira tracta-se da essencia, objecto, caracter, meio, fim e effeitos da poesia; na segunda diz-se alguma cousa da linguagem poetica; e na terceira faz-se a classificação dos generos, notando seus pontos de differença e de contacto.

Poeta e faculdades poeticas

3. **Poeta** é — todo o homem que falla ou escreve a linguagem da poesia[1].

4. **Faculdades poeticas** sam — os dotes indispensaveis ao poeta.

Estes dotes sam quatro: — *imaginação, genio, inspiração* e *originalidade.*

II

Essencia, fim e objecto da poesia

5. **A essencia da poesia** — não consiste na versificação, mas na energia do pensamento e na nobreza do estylo[2].

Fim da poesia. A poesia tem dous fins — um *proximo* e outro *remoto.*

O seu fim proximo é — a moção e o deleite.

---

[1] Um homem póde conhecer muito bem as regras poeticas, fazer uma excellente classificação e não ser poeta. O poeta nasce, não se cria. Todavia temos para nós que merece o nome de poeta aquelle que, munido dos conhecimentos da arte, «sente dentro de si e fielmente reproduz em fórmas poeticas as noções do bello.»

[2] Um livro póde estar escripto em linguagem solta *(prosa)* e ser poetico, como: *O Eurico* de A. Herculano, o *Telemaco* de Fénélon, etc.

O seu fim remoto é — a instrucção por meio da moção ou do deleite.

6. Objecto da poesia. A poesia tem dous objectos — *um geral* e outro *especial.*

O objecto geral é — a belleza, a qual é tambem objecto das outras bellas artes.

O objecto especial é — a natureza bella, mórmente a moral, isto é, as acções e sentimentos.

III

Classificação das bellas artes

7. A poesia é uma das bellas artes.

Bellas artes sam — as que reproduzem as forças do espirito na materia manifestando o bello [1].

Sua fórma é — o meio exterior pelo qual manifestam o bello.

Segundo este meio, isto é, segundo o modo, successivamente mais perfeito, como realisam o ideal no sensivel, as bellas artes devem classificar-se pela ordem seguinte: *architectura, esculptura, pintura, musica* e *poesia* [2]. Todas ellas sam differentes nos meios e nos fins.

---

[1] Não é facil definir o que seja *bello*, porque só se póde conhecer, sentindo-o. Platão definia *bello* — o resplendor da verdade: ou ainda, o modo pelo qual a arte faz brilhar o ideal na materia; mais simplesmente «a alliança da fórma com a idêa.»

[2] **Arte,** em geral, é — uma collecção de regras que nos dirigem para um fim.

IV

Do poéma e seus elementos

8. Os elementos do poéma podem dividir-se em — *principaes* e *secundarios*.

Elementos principaes sam — os que entram em todo e qualquer poéma. Taes sam — o *sujeito* ou *assumpto*, a *acção*, a *fabula* e o *personagem*.

Elementos secundarios sam — os que, não sendo essenciaes a todo o poéma, só apparecem nos mais complicados. Taes sam nas epopeias — a *invocação*, a *dedicatoria*, os *episodios*, os *accessorios*, os *personagens secundarios* [1], etc.

Segundo seus fins, todas as artes se podem dividir em — *artes necessarias, bellas* e *mixtas*.

Artes necessarias sam — as que têem por objecto satisfazer ás necessidades do homem, como: a *agricultura*, etc.

Artes bellas sam — as que têem por objecto o prazer, como: a *musica*, a *pintura*, etc.

Artes mixtas sam — as que têm por fim a *utilidade necessaria*, e por meio o *prazer*.

As artes necessarias subdividem-se em *mechanicas* e *liberaes*, segundo seu exercicio depende mais das forças do corpo ou das faculdades do espirito.

Outros seguem outra divisão, que no fundo nada differe d'esta.

[1] O sr. Carneiro diz que todo o poéma consta de *parte real* e *parte ideal*.

A parte real é formada pela *elocução poetica*.

A parte ideal é constituida pelos personagens.

9. Sujeito ou assumpto é — a idêa summaria da *acção,* como nos Lusiadas o *descobrimento da India*[1].

10. Acção é — o desinvolvimento poetico do assumpto.

11. Fabula é — o conjuncto de peripecias que tornam o assumpto mais interessante e significativo.

12. Personagem é — o agente ou executor da acção. Nos poémas epicos toma o nome de *heroe;* e nos dramaticos o de *protogonista.*

Vasco da Gama é o heroe dos Lusiadas.

13. Invocação é — a allocução que o poeta dirige ás musas invocando o seu auxilio[2].

14. Dedicatoria é — a parte do poéma em que o poeta consagra sua obra a alguem.

15. Episodios sam — os incidentes introduzidos na acção para a variar.

Não sam essenciaes ao poéma, mas adornam e ampliam a acção principal. Tal é o episodio do Adamastor nos Lusiadas.

---

[1] Em materia de poesia, diz o sr. Carneiro, acção, fabula, sujeito ou assumpto têm duas accepções — *geral* e *restricta.* Pela primeira, sam synonymas; pela segunda, sam como as definimos.

[2] Os modernos, e principalmente os poetas christãos, invocam antes a Divindade verdadeira do que as musas.

16. Accessorios sam — as descripções de dependencias das pessoas e cousas, para melhor as caracterisar. Tal é a descripção da Lusitania nos Lusiadas.

17. Tanto para os episodios como para os accessorios ha tres regras:

1.ª Devem ter a mesma côr e tom geral de expressão que se deu á proposição e assumpto.
2.ª Ligação com a acção.
3.ª Nem devem ser muitos, nem muitos extensos.

18. Personagens secundarios sam — os executores das acções parciaes ou incidentes [1].

V

Virtudes da fabula ou acção

19. As virtudes communs a qualquer acção poetica sam cinco: — *unidade, variedade, simplicidade, integridade* e *interesse.*

20. A unidade consiste — na ligação de todas

---

[1] Quem diz personagem diz pessoa, e as pessoas podem ser — *naturaes, sobrenaturaes,* ou *allegoricas.*

Pessoas naturaes sam — os individuos da especie humana.

Pessoas sobrenaturaes sam — os espiritos.

Pessoas allegoricas sam — os seres que se representam como pessoas.

as partes entre si, e d'estas com o fim, formando um corpo só [1].

21. A variedade — consiste em diversificar, já os objectos, por meio de *episodios* e *accessorios;* já a sua fórma, por novas *combinações* e *mudanças.*

Esta virtude é necessaria para tornar a acção interessante e não monótona.

22. Tanto para os *episodios* como para os *accessorios* ha tres regras, como fica dicto no n.º 17.

23. As mudanças o combinações ácerca da fórma dos objectos fazem-se por quatro modos: — por *abstracção,* por *associação,* por *augmento* e por *transformação.*

24. Abstracção é — uma *liberdade* ou *licença poetica,* pela qual se separa e despreza, na pintura dos objectos, o que por menos perfeito não entra no plano ideal da natureza bella.

25. Associação é a *liberdade* ou *licença* poetica, pela qual se unem n'um objecto bellezas dispersas.

26. Augmento é — a *liberdade* ou *licença,* pela qual o poeta engrandece o objecto dentro dos limites da proporção e verisimilhança.

---

[1] Quando se diz *unidade,* não se quer dizer que o poéma deve constar de uma acção unica; mas falla-se da *acção principal,* a qual póde ser acompanhada de outras menos importantes.

27. Transformação é — a *liberdade* ou *licença,* pela qual o poeta transfere as qualidades de uma classe de seres para outra; já dando vida e acção aos seres inanimados, já figura e movimento aos incorporeos [1].

28. A simplicidade é — o effeito do moderado numero e extensão das *acções parciaes,* e da sua ligação e conveniencia com a *principal.*

É necessaria esta virtude, para que o nosso espirito se não confunda, e para que possa avaliar bem os objectos do poéma.

29. A integridade consiste — em nada faltar á empreza, isto é, em ter *principio, meio* e *fim.*

Estes tres dotes sam os requisitos d'uma acção perfeita.

30. Principio é — tudo o que determina o agente a emprehender a *acção* — *causa.*

Meio comprehende — os obstaculos que o heroe encontra, e os esforços que emprega para executar a empreza — *nó* ou *trama.*

Fim é — o desenlace da acção, natural e verosimil — *catastrophe* ou *solução.*

31. O interesse consiste — em tudo aquillo que póde excitar nossas paixões pelas relações que nos podem prender á *acção* ou ao seu *agente.*

---

[1] No augmento entra a *hyperbole,* e na *transformação* a *prosopopeia.*

Estas relações sam: ou da *nacionalidade,* ou da *religião,* ou da *humanidade.*

A acção dos Lusiados interessa-nos pela nacionalidade, etc.

VI

Costumes e caractéres

32. Toda a acção tem um *executor* ou *agente* — é o personagem que a executa. D'aqui provém a necessidade dos *costumes* e *caractéres.*

33. Costumes sam — os habitos que, nos discursos ou acções dos personagens, dam a conhecer a sua intenção ou fim moral. Taes sam as *inclinações naturaes* para o bem ou para o mal, as paixões [1], etc.

Dividem-se em *geraes* e *particulares.*

34. Costumes geraes sam — todos os que pertencem a certa classe de pessoas, ou da mesma idade, ou do mesmo sexo, ou da mesma ordem.

Estes tomam o nome de *caractéres.*

35. Costumes particulares sam — os que pertencem a cada individuo de per si.

Estes chamam-se *retratos.*

---

[1] Outros definem *costumes* — as disposições adquiridas pela repetição de actos.

36. **Os caractéres** dividem-se em *necessarios* e *criveis.*

Caractéres necessarios sam — os que nascem de causas physicas [1].

Caractéres criveis sam — os que nascem de causas moraes.

37. Tanto as causas physicas como as moraes sam *variaveis* e não permanentes.

As causas physicas variam com a *edade,* com o *temperamento,* com o *sexo* e com o *clima* [2].

---

[1] *Causas physicas* sam — as que influem immediatamente na fibra, e por ella no espirito do individuo.

[2] I. A vida do homem abraça quatro epochas: — *puericia, mocidade, virilidade* e *velhice.* Em cada uma d'estas epochas sam differentes as inclinações.

II. Pelo que respeita ao temperamento, podemos distinguir tambem quatro: — *phleugmatico, sanguineo, cholerico* e *lymphatico.*

Os individuos em que predomina o temperamento phleugmatico, sam indolentes e preguiçosos.

Os em que predomina o sanguineo, sam alegres e amigos dos prazeres.

Os em que predomina o cholerico, sam iracundos e temerarios.

Os em que predomina o lymphatico, sam melancolicos e taciturnos.

III. Emquanto ao sexo, o homem é mais corajoso, mais constante e menos irritavel do que a mulher; a qual, regra geral, costuma ser mais sensivel e delicada, e de uma imaginação mais viva.

IV. Em relação ao clima, os homens dos paizes frios sam mais energicos e activos, mais soffredores, mais occupados das necessidades do que dos prazeres. Pelo contrario, os habitantes dos climas quentes sam mais indolentes, menos activos e mui affeiçoados aos divertimentos.

As causas moraes variam com a *nação,* com a *povoação,* com a *ordem* e com a *profissão* [1].

38. Os retratos dividem-se em *reaes* e *ideiaes.*

Retratos reaes sam — os que pertencem a pessoas já conhecidas na historia, verdadeira ou fabulosa.

Retratos ideaes sam — os que o poeta necessita inventar para qualificar algum *personagem* que de novo entra no *poéma.*

39. Tanto uns como outros devem ter as seguintes qualidades — *bondade, consequencia* e *verisimilhança.*

---

[1] I. Os homens creados n'uma nação *nomada* ou errante sam geralmente crueis. Habituados á caça, tornam-se sanguinarios e amigos da guerra.

O caracter d'uma nação *pastora* é doce e voluptuoso. Seus costumes sam innocentes e soem ter por companheiros as virtudes da paz e os vicios da ociosidade.

Os costumes d'uma nação *agricula* sam mais severos e puros. Os trabalhos do campo e a frugalidade sam germen de innocencia.

O caracter d'uma nação *commerciante* é ser corrompida, isto é, a nação onde predomina o elemento commercial, lucta só pelas riquezas; e estas arrastam á corrupção.

II. N'uma *aldeia* ou n'uma *villa,* os costumes sam mais singelos e puros do que n'uma *cidade.* Alli o desejos e necessidades sam limitados; aqui mais em numero e muito mais extravagantes.

III. Os costumes sam diversos, segundo as differentes *ordens* da sociedade. Assim os costumes do ecclesiastico differem dos do leigo, os do litterato dos do analphabeto, os do nobre dos do plebeu, etc.

IV. Pelo que respeita á *profissão,* diversas sam as ideias, os sentimentos e as paixões de um marinheiro ou de um lavrador, de um negociante ou de um artista, de um militar ou de um homem de lettras.

Logo diversos devem ser tambem os seus costumes.

40. **A bondade** consiste — não na completa isenção de vicio, mas no maior numero de virtudes. Assim o poéma não exaltará o crime, mas o merito e a virtude.

41. **A consequencia** é — a permanencia do mesmo caracter em todas as acções do personagem. O homem quasi sempre manifesta em seus actos as suas inclinações naturaes.

42. **A verisimilhança** consiste—em não attribuir ao heroe acções que lhe repugnem; d'outra sorte seria deforme e impossivel [1].

VII

Elocução poetica

43. As acções e os sentimentos (n.º 6 no fim) demandam expressão e fórma. D'aqui a necessidade da elocução poetica.

Elocução poetica é — a expressão verbal das idêas e pensamentos do poeta.

[1] Outros exigem para os caractéres reaes a *similhança,* e para os ideaes a *egualdade.*

A similhança consiste — em imitar os personagens da historia ou da fabula com o mesmo *caracter* com que ellas o pintam. Assim um Alexandre descrever-se-ha *conquistador;* um Hercules, *forte.*

A egualdade consiste — em o personagem sustentar por todo o poéma o mesmo *caracter* que apresentou desde o principio. Tal é o caracter do Gama nos Lusiadas.

o seu caracter é — ser clara e elevada.

44. A elocução só póde dar-se nas palavras *separadas* e nas palavras *junctas* [1].

45. Emquanto ás palavras separadas, a elocução será *clara*, se ellas forem *proprias* e *usadas;* mas, para ser *elevada*, é mistér recorrer á *innovação*.

46. A innovação consiste — em junctar á *elocução* tudo o que a possa fazer extraordinaria. Para isto o poeta inventa termos novos, resuscita os antigos, etc.

47. Por quatro modos se podem innovar palavras: — por *junctura* ou *composição*, por *onomatopeia*, por *derivação* e pela *reproducção*.

48. Por junctura ou composição—forma-se um vocabulo ou palavra composta de duas já conhecidas, como: *fructifero, philosophico-moral*, etc.

49. Por onomatopeia (de ὄνομα, ónoma, nome, e ποιέω, poieo, eu faço) — formam-se vocabulos imitativos dos sons dos objectos ou das vozes dos animaes, como: *tenir, regougar, tlim*.

50. Por derivação — formam-se as palavras de dous modos: ora mudando a terminação a uma palavra da nossa lingua para fazer apparecer um termo

---

[1] As palavras dizem-se *separadas*, quando se considera cada uma de per si; e dizem-se *junctas*, quando se apresentam unidas em phrase.

novo; ora dando, pela analogia, a uma palavra estrangeira o cunho proprio de portugueza. Assim de — *apurar* — se derivou *apuramento,* e de — *garantie* — a palavra portugueza *garantia.*

51. Pela reproducção—fazem-se reapparecer no uso as palavras antiquadas, como: *usança, quiçá, soer.*

52. Sobre o *uso da innovação* ha duas regras principaes: 1.ª que toda a innovação deve ser feita com *moderação* e *precauções;* 2.ª que só se faça por *necessidade* ou para dar *maior energia* aos pensamentos.

53. Pelo que respeita as palavras junctas, a *elocução* tem logar nas *tropologicas* e *figuradas.*

Deve ser *clara* e *elevada.*

Será *clara,* se as palavras forem *correctas* e bem *ordenadas.*

Será *elevada* ou *ornada,* se se empregarem convenientemente os *tropos* e as *figuras.*

54. As palavras junctas podem considerar-se sob dous aspectos: ou como signaes das ideias, e chamam-se *termos;* ou como sons musicaes, sujeitos ao compasso do numero e accênto, e chamam-se *vocabulos.*

Da primeira consideração nascem os differentes *estylos;* e da segunda, os differentes *metros.*

VIII

Estylo poetico e seus elementos

55. Estylo é — a *fórma da elocução, que predomina, caracterisa e distingue uma composição poetica de outra;* — ou, segundo o sr. Simões Dias, estylo é — a fórma de elocução que predomina em qualquer composição poetica ou prosaica.

56. *Os elementos* do estylo sam cinco: — *pensamentos, figuras de pensamento, palavras, phrases* e *clausulas.*

57. Pensamentos sam — todas as acções d'alma significadas por signaes exteriores.

Considerados em si, devem ter tres virtudes: — *verdade, clareza* e *naturalidade;* e considerados em relação a outros, devem ter outras tres: — *ordem, ligação* e *unidade.*

58. Figuras de pensamento sam — as fórmas de conceber os pensamentos, que os tornam mais vivos e interessantes. Sam de varias especies.

Vej. o *comp. de rhetorica.*

59. Palavras sam — os sons articulados da voz hnmana significativos por convenção. Quando consideradas *racionalmente* ou como *termos,* devem ser *puras, proprias, claras, decentes* e *convenientes.*

Vej. o *comp. de rhetorica.*

60. Phrase é — uma reunião de palavras exprimindo um pensamento.

61. Clausula é — a reunião de phrases formando um sentido completo.

Suas virtudes sam cinco : — *pureza, correcção, clareza, força* e *harmonia*.

Vej. o *comp. de rhetorica.*

62. O estylo (n.º 55) póde considerar-se emquanto á *quantidade* ou emquanto á *qualidade.*

O estylo emquanto á quantidade consiste — no maior ou menor numero de palavras por que se exprimem os pensamentos.

O estylo emquanto á qualidade consiste — na mesma natureza e collocação das palavras.

63. O estylo emquanto á qualidade, porque basta esta para o nosso intento, divide-se em *tenue, médio* e *sublime:* mas cada um d'estes tres generos é susceptivel de muitas gradações, para mais ou para menos.

64. Estylo tenue é — o que se contenta com palavras proprias, claras e expressivas; mas despréza os ornatos exquisitos. Seu fim é — *instruir.*

65. Estylo médio ou temperado é — o meio termo entre o tenue e sublime. Seu fim é — *deleitar.*

66. Estylo sublime ou nobre é — o que se serve de toda a sorte de palavras animadas, graves e valentes, proprias para engrandecer a sublimidade dos pensamentos e a força dos affectos.

67. *O estylo sublime* é proprio para os assumptos de sua natureza graves e importantes; o *médio* para os menos graves, adornados e agradaveis; e o *tenue* para as cousas simplices e singelas.

IX

Da versificação

68. Das palavras junctas, consideradas *materialmente* (n.º 54) resulta a *versificação*.

Versificação é — a arte de fazer versos.

69. A versificação póde ser — *rhythmica* ou *syllabica*.

Versificação rhythmica é — a que se baseia na *quantidade*.

Quantidade é — o tempo que se gasta em pronunciar os sons das syllabas *longas* ou *breves* [1].

Versificação syllabica é — a que se funda no numero de syllabas.

70. **Verso** é — a dicção poetica sujeita a uma

---

[1] Os gregos e romanos possuiam uma linguagem e prenunciação musical; e por isso fundaram a sua versificação na distincção das syllabas em longas e breves. Nós, e talvez todas as nações modernas, desprezamos a quantidade só por si, e assentamos a melodia do verso — no numero das *syllabas* e na disposição dos *accêntos*,

medida regular e musical. Póde ser *metrico* ou *syllabico*.

Verso metrico é — aquelle em que a medida musical é realizada por pés [1].

Verso syllabico é — aquelle em que a medida musical se realisa por um certo numero de syllabas.

71. **Os elementos materiaes do verso portuguez** sam — a *syllaba,* o *accênto,* e algumas vezes a *rima.*

72. **Syllaba** é — a expressão de um som. Póde ser *prosodica* ou *metrica.*

Syllaba prosodica é — aquella que é contada pelo numero de vogaes simplices ou compostas.

Syllaba metrica é — a que é contada tambem pelo numero de vogaes, mas com alteração ou sem ella [2].

73. Esta alteração é produzida pelas *figuras poe-*

---

[1] As principaes especies de versos rhythmicos sam — o *heroico* ou *hexámetro,* o *elegiaco* ou *pentámetro,* o *jambico,* o *asclepiadeu,* o *alcaico* e o *saphico.*

O verso hexámetro consta — de seis pés, dáctylos e espondeus.

O verso pentámetro consta — de dous pés, dáctylos ou espondeus, seguidos de uma syllaba longa, que é seguida de dous pés dáctylos, terminados tambem por uma syllaba longa.

O verso jambico admittia varias fórmas.

Os versos asclepiadeu, alcaico e **saphico** sam combinados de differente modo, e por isso a sua medida é determinada por pausas, e não pelo numero de syllabas.

[2] No mesmo verso, o numero de syllabas prosodicas é quasi sempre maior do que o das metricas.

ticas, ou *licenças metricas;* as quaes sam de cinco especies: — por *accrescentamento*, por *suppressão*, por *mudança*, por *separação*, por *contracção* de lettras e por *transposição* de vozes.

Por accrescentamento

74. Augmentam lettras:

Próthese no principio das palavras, como: *a*levantar, por levantar.

Epenthese no meio, como: termi*no*, por termo.

Paragoge no fim, como: martyr*e*, por martyr.

Por suppressão

75. Diminuem lettras:

Aphérese no principio das palavras, como: *maginação* por *i*maginação.

Syncope no meio, como: *imigo* por i*ni*migo.

Apócope no fim, como: *guarte*, por guar*da*-te.

Synalépha — supprime a ultima vogal de uma palavra, quando a seguinte começa por vogal ou diphthongo, como: *m'o*, *d'o*, por me-o, de-o.

Ecthlipse — elimina no verso o ultimo *m* de uma palavra, quando a seguinte começa por vogal, como; *co'os* estudos, por com os estudos.

Por mudança

76. Transpõem ou mudam lettras:
Metáthese dentro da mesma palavra, como: *frol*, por *flôr*.
Antíthese — substitue uma lettra da palavra por outra de fóra, como: *fazel-o*, por fazer-o.

77. **Diérese** — divide o diphthongo em duas syllabas, como: *ce-u*, por ceu.

Por contracção

78. **Crase** — contrahe duas vogaes n'uma só syllaba, como: *glo-ria*, por glo-ri-a.

Por transposição de vozes

79. **Systole** — abrevia a syllaba longa, como: Sa*m*ár*i*a, por Samaría.
Diástole — alonga a syllaba breve, como: ido*lá*tra, por idólatra [1].

---

[1] A transposição de vozes comprehende tambem o *barbarismo* ou *peregrinismo;* e este póde ser de tantos modos, quantas sam as linguas de cujas palavras a nossa se acha *impregnada*. Taes sam — o *grecismo*, o *hebraismo*, o *gallicismo*, o *latinismo*, etc.

80. — Accênto é — a inflexão da voz com que ferimos as vogaes; e diz-se *predominante* — o em que esta inflexão é mais sensivel.

Todas as nossas palavras tem accênto predominante, excepto as encliticas, que gozam do da palavra a que se junctam.

81. **Pé** — comprehende uma parte do verso formada por um certo numero de syllabas metricas e pelo accênto predominante. Póde constar de duas ou mais syllabas, das quaes a ultima deve ser accentuada.

Ex:

Cantan-do espalharei-por to-da par-te,
Se a tan-to me ajudar-o enge-nho e arte.

82. Logo o verso é uma reunião de pés, n'este systema, e deve constar de um certo numero de syllabas com certa disposição de accêntos.

Contagem das syllabas

83. Na contagem das syllabas ha dous systemas. Uns contam por parte compositiva do verso a syllaba ou syllabas que crescem depois do ultimo accênto predominante.

Outros entendem que o verso está perfeito quando chegue ao ultimo accênto predominante; e porisso desprezam as restantes como desnecessarias para a harmonia musical.

84. Os que seguirem o primeiro systema, encontram no verso

As armas e os varões assignalados

onze *syllabas metricas;* e os que seguirem o segundo, só encontram *dez.*

Varias especias de verso

85. Os versos podem ser considerados *emquanto ao numero de syllabas,* emquanto á posição do *ultimo accênto predominante,* e emquanto á *melodia* ou *consonancia final.*

86. Emquanto ao numero de syllabas contamos *doze especies* de verso, algumas das quaes têem nomes caracteristicos.

Assim temos, seguindo o primeiro systema:

87. Versos de *duas syllabas,* com accênto na *primeira.*

Ex.:

Saia nova côr de roza
 1
Roza.

Algumas vezes acontece que o verso de duas syllabas se expressa por um monosyllabo.

Ex.:

De homem só tende
Dó

88. Versos de *tres syllabas*, com accênto na *segunda.*

Ex.:

As m[2]*en*tes
De[2]*li*ram
Os [2]*pei*tos
Sus[2]*pi*ram.

89. Versos de *quatro syllabas*, com accênto na *terceira, — quebrado de redondilha maior.*

Ex.:

Luz d'in[3]*can*to,
Que não [3]*du*ra,
Eis a i[3]*ma*gem
Da ven[3]*tu*ra.

90. Versos de *cinco syllabas*, com accênto na *quarta, — quebrado de cinco syllabas.*

Ex.:

Olhos can[4]*ça*dos
Lumes ex[4]*tin*ctos
A custo se [4]*er*guem
Ao firma[4]*men*to.

91. Versos de *seis syllabas*, com accênto na *quinta*,—*redondilha menor*.

Ex.:

No espaço mes[5]*qui*nho
Da vida mor[5]*tal*,
O bem só se [5]*so*nha,
Mas sente-se o [5]*mal*.

92. Versos de *sete syllabas*, com accênto na *sexta*,—*heroico quebrado*.

Ex.:

Salve, florinhas [6]*sim*plices,
Que em dita me egua[6]*la*es,
Bellas sem arti[6]*fi*cios,
Felizes sem ri[6]*va*es.

93. Versos de *oito syllabas,* com accênto na *setima,* — *redondilha maior.*

Ex.:

Teus olhos sam mais es*cu*ros[7]
Do que a noite mais fe*cha*da,[7]
E apesar de tanto es*cu*ros[7]
Sem elles não vejo *na*da.[7]

Estes versos sam muito frequentes na poesia lyrica; e por isso tanto estes, como os das especies anteriores, têem o nome commum de *lyricos.*

94. Versos de *dez syllabas,* com accênto na *terceira, sexta* e *nona* — *decasyllabas.*

Ex.:

Minha *pa*tria,[3] quem *sa*be[6] se *ain*da[9]
A ser *gran*de[3] outra *vez*[6] volta*rás.*[9]

Esta especie de versos tambem se chama — *de Gregorio de Mattos,* e é muito propria para a satyra.

95. Versos de *onze syllabas,* chamados — *endecasyllabos* ou *heroicos,* — com accênto na *sexta* e *decima;* ou na *quarta, oitava* e *decima;* ou na *quarta,*

sexta e *decima*. Nestes dous ultimos casos têem o nome particular de *saphicos*.

Ex.:

As armas e os va*rões* assigna*la*dos. (6, 10)

Nise for*mo*sa *co*mo as *gra*ças *pu*ra. (4, 6, 8, 10)

96. Versos de *doze syllabas* — *de arte maior,* — com accênto na *quinta* e *undecima*.

Ex..

De espigas e *pal*mas | coroemos a en*xa*da (5, 11)

Morgado e não *pe*na | dos filhos d'Adão (5, 11)

Mais velha que os sceptros, | mais util que a espada,

Thesouro é só ella, | só ella brasão.

97. Verso de *treze syllabas* — *alexandrinos,* — com accênto na *sexta* e *duodecima*.

Ex.:

Se a fortuna um dia*de*ma | em teu berço ha lan*ça*do (6, 12)

D'esse dom casu*al* | não me attrahe o esplen*dor*. (6, 12)

98. Versos de *quatorze syllabas,* com accênto na *sexta* e *decima terceira*.

Ex.:

Tu, que os costumes *nos*sos | melhor que ninguem *pin*tas
Ensina-me o se*gre*do | com que dás alma ás *tin*tas [1].

(The numbers 6 and 13 are printed above the marked syllables: 6 over "nos"/"gre", 13 over "pin"/"tin".)

99. Emquanto ao *ultimo accênto predominante,* (n.º 85) os versos dividem-se em — *inteiros* ou *graves, agudos,* e *esdrúxulos.*

100. Versos inteiros ou graves sam — os que terminam por palavras que têem o accênto predominante na *penultima syllaba.*

Ex.:

Já no largo oceano nave*ga*vam
As inquietas ondas apar*ta*ndo, etc.

101. Versos agudos sam — os que terminam por palavras que tem o accênto predominante na *ultima syllaba.*

Ex.:

Os joelhos no chão, as mãos ao *ceu,*
A mercê grande a Deus agrade*ceu.*

102. Versos esdrúxulos sam — os que ter-

---

[1] Os versos de doze, treze e quatorze syllabas, póde dizer-se, sam compostos das especies menores; e não sam muito frequentes.

minam por palavras que têem o accênto predominante na *antepenultima syllaba* [1].

Ex.:

.... *Ge*lidas
E duras sam do pavimento as *la*geas
....

103. Pelo que respeita á melodia ou consonancia final, os versos dividem-se em *soltos* e *rimados*.

104. Versos soltos sam — os que não têem correspondencia de sons finaes.

Ex.:

A minha triste patria era tão bella,
E forte, e virtuosa! e ora o guerreiro
E o sabio e o homem bom acolá dormem.

105. Versos rimados sam — os que tem correspondencia nos sons finaes.

Ex.:

Eu nunca fiz soar meus pobres cantos
Nos paços dos senh*ores*!
Eu jámais consagrei hymno mentido
Da terra aos oppres*sores*.

---

[1] Segundo os antigos, o verso *agudo* tem uma syllaba de menos do que indica a sua denominação; o *inteiro* tem o numero completo; e o *esdrúxulo* tem uma syllaba de mais.

106. Rima pois é — a correspondencia dos sons entre dous ou mais versos.

Esta correspondencia faz-se por tres modos: — *alliteração, assonancia* e *consonancia.*

107. Alliteração é — a correspondencia da mesma lettra no principio das palavras.

É a mais imperfeita maneira de rimar.

108. Assonancia é — a repetição do mesmo som, produzido pela lettra vogal posta no meio ou no fim de palavra differente. É mais sonora, e por isso mais perfeita do que a alliteração.

109. Consonancia, ou **rima propriamente dicta,** é—a correspondencia dos sons finaes (n.º 106) contados desde o ultimo accênto predominante.

Esta é a mais perfeita e philosophica.

110. A rima consoante divide-se em — *encadeada, emparelhada* e *interpolada* [1].

111. A encadeada é — quando o final d'um verso rima com o meio de outro.

---

[1] Outros dividem a rima em— *alliterante, assoante* ou *toante,* e *consoante,* em quanto ao maior ou menor grau de harmonia e de expressão poetica; e emquanto á distancia que entre si guardam as rimas, dividem-nas em—*parelhas, encadeadas, cruzadas* e *interpoladas.*

A rima toante, introduzida em Portugal no tempo do dominio dos Philippes, cahiu em desuso. A encadeada tem sido empregada pelos modernos com vantagem; mas a que está mais em voga, é a emparelhada e a interpolada.

Ex.:

Das maguas do amigo meu peito é sa*crario*,
Não creias que é v*ario* seu fundo sentir.

112. A emparelhada é — quando os finaes de dous ou mais versos consecutivos rimam um com o outro.

Ex.:

Em procissão solemne a Deus or*ando*,
Para os bateis viemos cami*nhando*.

113. A interpolada é — quando dous ou mais versos que rimam entre si, sam intermeiados de um até seis de rima differente.

Ex.:

As mãos roxas, trespas*sadas* [1]
Pelos cravos gote*jantes*, [2]
As carnes seccas, pi*sadas* [1]
Pelo fragellar do aç*oite* [3]
Davam-lhe uns ares phantasticos.
N'esses magicos ins*tantes* [2]
Em que se aproxima a n*oite!* [3]

114. Rima cruzada dá-se — quando quatro ou mais versos rimam alternadamente. É quasi o mesmo que a interpolada.

Ex.:

> Eu nunca vi Lisboa e tenho p*ena*[1];
> Mãe de sabios, e heroes, crime e vir*tude*[2];
> Golfão de riso e dôr, que ora se*rena*[1]
> Ora referve e escuma em rocha *rude*[2].

115. Cesura é — a pausa, mais ou menos sensivel, que divide o verso em duas partes. Emprega-se nos versos compostos para a harmonia, e nos outros serve para lhes variar o andamento.

Das estancias

116. Estancia é — a reunião de dous ou mais versos, quasi sempre rimados, e formando ordinariamente um sentido perfeito.

Póde ser — *regular* ou *irregular*, segundo tem ou não regularidade na rima e no numero de versos.

117. Strophe é — a estancia nas odes ou na poesia lyrica.

Copla é — a estancia nas canções.

118. A estancia toma nomes differentes, segundo o numero de versos de que consta.

Distico, parelha ou **colcheia** é — a estancia de dous versos rimados e formando um sentido.

Terceto é — a estancia de tres versos com certa disposição de rima correspondente á do terceto immediato.

119. Quadra é — a reunião de quatro versos; mas nos sonetos toma o nome de *quarteto.*

Quintilha é — a estancia de cinco versos.

Sextilha ou sextina é — a estancia de seis versos, rimados á vontade do poeta [1].

120. Oitava ou oitava rima é — a estancia de oito versos, composta ordinariamente de uma sextilha de verso cruzado, seguida de uma parelha.

Decima é — a estancia de dez versos de rima arbitraria.

121. Soneto é — a estancia de quatorze versos, composta de dous quartetos e dous tercetos, quasi sempre decasyllabos, segundo a eschola moderna, ou *endecasyllabos* segundo a eschola antiga.

É uma composição difficillima.

X

Da imitação

122. A poesia é um arte de imitação; e por isso o poeta deve retratar, o mais fielmente possivel, não só a natureza *real,* mas a *bella* e *possivel.*

---

[1] As estancias de sete ou de nove versos nem se usam, nem tem nome proprio.

123. Póde porém acontecer que o poeta queira imitar um assumpto que outro já tractou; e, n'esta imitação, corre o perigo de ser plagiario e não auctor [1].

Para evitar pois este perigo, e para merecer as honras de auctor, deve dirigir-se pelas duas regras seguintes:

1.ª Escolha um enredo e solução diversa da do seu modelo, e não copie textualmente.

2.ª Observe á risca as regras do poéma que emprehende, visto que cada composição poetica tem regras proprias.

Se se observarem estas regras, a fórma do assumpto ha de forçosamente variar.

XI

Classificação das composições poéticas

124. Poesias, poémas e composições poéticas sam — as obras do poeta; mas vulgarmente por *poesias* costumam entender-se — as *composições breves,* e por *poémas,* as longas.

125. Muitas e variadas sam as especies de poesias; e, porque é fastidioso estudar cada uma de per si, convém dispôr em familias ou em grupos as propriedades communs das differentes composições poéticas.

D'esta maneira se formam os *generos poeticos.*

---

[1] Plagiario é o homem que usa de pensamentos ou expressões alheias como suas, e sem as referir ao respectivo auctor.

126. Os criticos tem classificado de differentes modos os generos da poesia, tomando para base um ou outro accidente de fórma; ora a fórma é arbitraria: logo arbitrarias tem sido as classificações da poesia.

127. Deixando pois essa melindrosa questão, contentar-nos-hemos em considerar a poesia sob quatro aspectos: ou emquanto ao *modo* pelo qual ella consagra os sentimentos e acções; ou emquanto ao *fim;* ou emquanto á *gradação* dos seres activos e sensiveis; ou finalmente emquanto á *natureza* das acções e sentimentos.

128. Considerada emquanto ao modo, a poesia comprehende quatro generos: — *narrativo, lyrico, dramatico* e *mixto.*

Considerada emquanto ao fim, comprehende dous: — *didactico* e *recreativo,* segundo o poeta tem mais em vista a instrucção ou o deleite.

Considerada emquanto á gradação dos seres activos e sensiveis, comprehende cinco: — *epico, tragico, comico, pastoril* e *apologo.*

Considerada emquanto á natureza das acções e sentimentos, comprehende oito: — *epico, dramatico, didactico, elegiaco, lyrico, pastoril, epigrammatico* e *apologo* [1].

---

[1] Esta classificação é a mais usada, se bem que se julga a mais imperfeita.

Outros dividem a poesia em — *lyrica, didactica, narrativa, dramatica* e *descriptiva;* e esta opinião parece preferivel, porque attende mais a essencia do objecto da poesia.

Modernamente as nações mais civilizadas classificam a poesia em tres generos: — *epico, lyrico* e *dramatico,* segundo o caracter predominante da composição poetica.

XII

Primeiro genero

Poesia epica

129. Epopeia, poesia epica ou poéma epico é — a narração poetica d'uma empreza heroica concluida quasi sempre com bom exito.

O poéma de Camões ou a Iliada de Homero sam *epopeias.*

O poéma epico é por sua *natureza* nobre, complicado e extenso.

Seu fim principal é — despertar a admiração e interesse pela virtude

130. Poéma heroico é — quasi a mesma cousa que o epico, segue as mesmas leis e estylo; mas distingue-se em não exigir uma acção tão importante, em ser menos obrigado á lei da unidade d'acção e do agente, e em não ter maravilhoso, ou só o admittir ligeiramente, para realçar alguma situação interessante.

131. Quatro cousas temos a considerar na epopeia: — a *fabula* ou *acção,* (n.os 10 e 11) os *personagens* ou *caractéres,* (n.os 12 e 36) o *metro,* e o *estylo.*

132. Na epopeia ha tres principios: — *princi-*

pio do poéma, principio da acção, e *principio da narração*

133. Principio do poéma é — a proposição, em que o poeta expõe o assumpto de sua obra, mas de um modo claro e breve. *O principio do poéma* nos Lusiadas comprehende as duas primeiras estancias[1].

134. As virtudes ou requisitos do principio sam duas: 1.ª não prometter o poeta muito, mas uma acção só e não complicada; 2.ª invocar a musa, para mostrar modestia e não arrogancia.

135. Principio da acção é — a parte em que o poeta expõe as causas que levaram o agente a emprehender a mesma acção.

A regra é começar por ella.

Assim nos *Lusiadas:*

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empreza, qual a vós se deve,
Trabalho illustre, duro e esclarecido;
O que eu sei que por mim vos será leve.

Cant. iv, *est. 79.*

136. Principio da narração é — a parte da acção que o poeta expõe primeiro depois da *invocação* e da *dedicatoria* (n.os 13 e 14).

[1] *Vej. os exemplos adeante.*

Assim nos *Lusiadas:*

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam
Das naus as concavas velas inchando.
....

CANT I, *est. 19.*

137. Meio da acção e narração é — o enredo formado dos obstaculos d'aquelle que tem de executar a acção, e das difficuldades que encontra [1].

138. As regras que devem dirigir o poeta em relação a este *meio* sam duas: 1.ª omittir na serie dos incidentes os que não podem entrar no plano ideal d'uma acção unica, grande e perfeita; 2.ª encher os vasios, dos incidentes omittidos, por meio de episodios (n.º 15).

139. Fim da acção é — a catastrophe ou solução [2].

A regra é vir preparada desde o principio da fabula, e nascer do seu todo, para que venha assim a ligar-se o fim com o meio, e este com o principio.

140. A fabula ou acção póde durar mais ou menos, isto é, póde ser mais ou menos extensa, segundo a grandeza e difficuldades da empreza.

---

[1] Vej. *Lusiadas,* cant. I, *est. 19.*
[2] Vej. *Lusiadas,* cant. VI, *est. 92.*

141. A fabula ou acção é realizada pelos *personagens* (n.os 10 e 11), e estes sam pessoas notaveis e legendarias, entre as quaes sobresáe o *heroe* do poéma. Assim foram verdadeiros heroes — Vasco da Gama, Achilles, Eneas, etc.

142. Como porém o heroe não practíca per si todas as partes da acção, apparecem ao seu lado os *agentes secundarios*, e algumas vezes os *sobrenaturaes*, cuja intervenção é o *maravilhoso*.

143. **Maravilhoso** pois é — a intervenção, verdadeira ou mythologica, da Divindade ou de certos agentes sobrenaturaes na realização das grandes emprezas [1].

---

[1] A escolha do maravilhoso deu origem a duas escholas — *classica* e *romantica*.

A eschola classica busca o maravilhoso nas ficções mythologicas e fórmas do paganismo.

Nasceu do enthusiasmo que, na epocha do renascimento litterario, se apossou dos melhores espiritos ao contemplarem os brilhantes thesouros da litteratura grega e romana.

Sam principalmente tres os seus defeitos.

O primeiro é — perder de vista a realidade contemporanea, por imitar o idealismo dos classicos gregos e romanos.

O segundo é — oppôr-se demasiadamente á originalidade por causa do nimio respeito pelas fórmas da litteratura grega e latina.

O terceiro é — pôr a poesia em opposição com os sentimentos christãos, por adoptar as ficções e linguagem mythologicas.

A eschola romantica pretendeu corrigir os defeitos da classica; mas, ultrapassando os justos limites, cahiu n'outros.

Os seus principaes defeitos sam — o cahir no commum, no trivial, e por ultimo no feio, por se ter escravizado á realidade; e, combatendo a imitação grega e romana, creou a anarchia, a negação de toda a regra.

A regra do maravilhoso é — não ultrapassar os limites da verisimilhança.

144. O verso proprio d'este poéma é — o *endecasyllabo antigo*, ou o *decasyllabo moderno*, em *oitavas*, rimando os primeiros seis versos alternadamente, e o setimo com o oitavo.

Hoje vai-se introduzindo o verso solto ou branco na epopeia.

Seu estylo dominante é — o *sublime*.

Especies do genero epico

145. Tem-se como pertenças do genero epico

Esta eschola dividiu-se logo em dous ramos: — o *realismo* e o *phantasiismo*.

Ambos estes ramos tem uma base commum — o culto da realidade; mas o phantasiismo distingue-se por affectar independencia das regras, pela affeição ao extraordinario no real, etc.

O romantismo prosaico tem seguido geralmente o *realismo;* o poetico, o *phantasiismo*.

Ambas estas escholas estam separadas por extremos oppostos; e, para as conciliar, creou-se uma terceira — a **eschola neo-classica.**

Esta é sem duvida a mais perfeita, porque toma das primeiras o que nellas ha de melhor. Assim colloca o bello na alliança regulada do ideal e do real, de modo que aquelle se funda com este, mas sem que nenhum faça desapparecer o outro. Toma da classica o horror ao trivial, e ainda mais ao feio, a regularidade das fórmas, e a sujeição ás regras, não de imitação, mas de bom gosto.

E toma da eschola romantica o gosto da verdade, o amor das crenças e linguagem hodiernas, e a abolição das regras convencionaes. (*Sr. Delfim Maya.*)

— o *poéma heroico*, o *heroicomico*, o *poéma narrativo*, o *descriptivo* e o *romance*.

146. Poéma heroico é — a narração poetica d'um facto importante, mas sem o interesse e maravilhoso da epopeia.

Não requer a intervenção de agentes sobrenaturaes, nem tanto apparato de accessorios e episodios. *O Camões* de Garrett é um poéma heroico.

Tem o mesmo *estylo* e *metro* da epopeia.

147. O poéma heroicomico é — a narração de uma acção risivel com apparencia de grave.

Deve surprehender pelo contraste do grande com o ridiculo.

Seu metro e estylo sam variaveis.

148. Poêma narrativo ou conto é — a narração poetica de uma acção ou serie de acções sem o apparato e grandeza da epopeia, e sem unidade de fim [1].

149. Poêma descriptivo é — o que pinta em fórmas poeticas as scènas risonhas da natureza. Ha muitos na nossa litteratura, e n'este numero se devem classificar os *idylios*.

150. Romance é — qualquer narração poética d'um facto singelo ou grave em fórma cantavel.

---

[1] Os contos podem ser tirados da historia, ou imaginados, ou mesmo ser parodias de poémas sérios.

Comprehende quatro especies: — o *romance propriamente dito*, a *xácara*, o *soláo* e a *ballada*.

151. Romance propriamente dicto é — a narração feita directamente pelo poeta. A esta classe pertencem os romances heroicos.

152. Xácara é — a narração, popular, feita por personagens que o poeta introduz a fallar.

153. Solão é — a narração sobre um assumpto amoroso e triste.

154. A ballada — tem o mesmo assumpto e fórma narrativa que o solão, mas pertence ás litteraturas do norte [1].

155. Nos romances narrativos, a sua fórma ordinaria é de versos octosyllabos (antigos), rimados em toantes ou consoantes e formando estancias regulares; ou sem divisão d'estancias e com a mesma rima, em todos os versos pares [2].

[1] Os romances narrativos constituem na Peninsula um thesouro precioso de poesia popular, menos a ballada, que é privativa das litteraturas do norte, como dissemos.

[2] As poeticas escriptas sob a influencia classica não consideram algumas d'estas especies como pertenças do genero epico.

XIII

Segundo genero

Poesia dramatica

156. A palavra *drama* toma-se em dous sentidos — *lato* e *restricto*.

Drama na sua accepção mais ampla é — a reproducção d'um facto pela palavra e pela acção.

Drama em sentido restricto é — a representação de uma acção em que ha um mixto de tragico e comico.

Etymologicamente deriva-se de δράω (drao), fazer.

157. **O assumpto** do drama póde ser — uma verdade moral e religiosa, a patria, o amor, as affeições e impulsos nobres do coração humano, as scenas intimas de familia, etc.

158. **O fim** da poesia dramatica é essencialmente civilizador — reprimir as paixões desordenadas, corrigir os costumes, odiar o vicio, amar a virtude, etc.

Especies da poesia dramatica

159. A poesia dramatica comprehende tres especies principaes: — *tragedia*, *comedia* e *tragicomedia*.

Da tragedia

160. A tragedia é — a reproducção de uma acção heroica e, de ordinario, lastimosa, produzindo a piedade e o terror.

Seu caracter predominante é — a opposição de grandes interesses e de grandes paixões.

Seus principaes assumptos sam — a *ambição*, a *vingança* e o *amor*.

O fim da tragedia é — purificar a nossa sensibilidade virtuosa, ensinar-nos a soffrer as desgraças e excitar em nós sentimentos nobres.

Seus personagens devem ser pessoas illustres.

161. A materia da tragedia não é limitada nem aos *logares*, nem aos *tempos;* isto é, os effeitos da tragedia sam os mesmos em todas as nações e em todos os seculos.

162. Seu metro é — o *endecasyllabo antigo,* solto ou rimado, ou o *decasyllabo moderno.*

Seu estylo — tem sido sempre o *sublime,* em harmonia com o assumpto.

163. A tragedia toma o nome de opera, quando é acompanhada de musica.

O fim da opera é — recrear o espirito pelas bellezas da poesia, os ouvidos pela musica, e os olhos pelas decorações e danças.

A musica e a pintura sam auxiliares da *opera.*

Da comedia

164. **Comedia** é — a representação de uma acção trivial e commum, com o *fim* de moralizar, promover o riso e deleitar.

Procura seus **assumptos** nas acções ordinarias da vida.

165. A materia da comedia é limitada aos *tempos* e *logares;* isto é, a comedia pinta os costumes, e estes variam, segundo os differentes seculos e segundo as differentes nações.

166. A comedia divide-se em — *alta, média* e *baixa*, segundo os agentes que dirigem a acção.

A alta comedia occupa-se — em descrever os vicios dos grandes.

A média pinta — as pretenções vaidosas e deslocadas de certos individuos da classe média.

A baixa descreve — os costumes populares no que tem de burlesco e jocoso.

167. Mas a divisão de comedia mais geralmente seguida é em — *comedia de caracter, de costumes* e *de enredo,* segundo o modo de desenvolver a acção.

168. **Comedia de caracter** é — a que subordina a um caracter dominante todo o movimento da acção.

Comedia de costumes é — a que apresenta dous ou mais personagens importantes, e a elles su-

bordina a acção, ora criticando os desacertos d'uma classe, ora ridiculizando certas instituições e usanças.

Comedia de enredo é — a que subordina tudo á intriga, tendo os espectadores suspensos até ao desenlace.

169. Segundo o modo de expôr e os fins a que se propõe, póde a comedia tomar os nomes de — *opera comica, opera com córos, parodia, proverbio, farça, pantomima* e *scena comica.*

170. **Opera comica** é — a comedia acompanhada de canto.

Opera com córos é — a comedia entremeiada de córos, coplas e árias.

Parodia é — a comedia que imita uma composição séria, mas ridiculizando-a.

Proverbio é — a que prova alguma verdade moral que serve de thema á composição.

Farça ou entremez é — a que se propõe unicamente a promover o rizo para deleitar os espectadores.

Pantomina é — a que é acompanhada principalmente de mimica.

Scena comica é — uma pequena composição critica, dotada de grandeza e jovialidade, com o fim de promover o rizo.

Costuma ser representada por um só actor e poucas vezes por mais.

171. A comedia hoje entre nós escreve-se em *prosa.*

Seu estylo é — o *tenue.*

Os nossos antigos escreveram-nas em verso, e empregaram n'ellas a *redondilha maior*, algumas vezes entremeiada pelo *quebrado da mesma redondilha*. Depois chegou a empregar-se o mesmo *endecasyllabo antigo* ou *decasyllabo moderno*.

Da tragicomedia ou drama propriamente dicto

172. Chama-se **tragicomedia ou drama em sentido restricto** (n.º 156) — a representação de uma acção em que ha um mixto de tragico e comico.

A sua materia busca-se — nas acções ordinarias da vida.

173. Antigamente tendia o drama a despertar o terror e compaixão, sem excluir o rizo do comico; mas hoje tem por objecto a realidade de duas vontades que tendem a vencer-se mutuamente, triumphando por ultimo a que mais se estriba na força do direito e da moral.

É só assim que o theatro póde ser eschola practica de virtude e de sabedoria.

O amor é quasi sempre o **thema** obrigado do drama moderno.

174. **Melodrama** é — o drama entremeiado de danças e cantos, segundo a origem d'esta palavra (μέλος, melos, modulação de verso, e δραω, drao, fazer). Outros, mas talvez sem fundamento, dam este

nome ao drama quando representa uma acção excepcional e o que ha de mais exaggerado na vida humana.

175. Pelo que respeita á fórma, hoje escrevem-se estas composições geralmente em *prosa;* mas, empregando-se o verso, deve escolher-se o *endecasyllabo* ou a *redondilha maior.*

Seu estylo é — *variavel,* segundo a natureza e circumstancias do agente. Guarde-se a lei da conveniencia.

176. No genero dramatico ha a estudar duas cousas: — as regras geraes, communs a toda a composição dramatica, e as especies secundarias que elle abrange. Tendo tractado d'estas, estudemos aquellas.

E primeiramente as regras geraes sam relativas ás *qualidades* da acção dramatica, á *disposição* da acção, e aos *personagens.*

177. A acção dramatica é mais simples e menos complicada do que a epica; todavia, para ser perfeita, deve ter quatro qualidades: — *integridade, interesse, verisimilhança* e *unidade.*

178. **A integridade** consiste — em a acção apresentar um justo desenvolvimento, como a epica, de modo que a curiosidade do espectador seja satisfeita até ao fim. Portanto no drama deve notar-se um *principio,* um *meio* e um *fim,* ou *exposição* do assumpto, *nó* e *catastrophe.*

179. **O interesse** consiste — em a acção ser

importante e capaz de chamar a attenção, de prender pela fórma e pelos conceitos, etc.

180. A verisimilhança consiste—em a acção se reproduzir de um modo tão natural, que a sua existencia não repugne á razão.

É certo porém que nem tudo o que é verdadeiro se representa no theatro.

181. A unidade depende — da *unidade de acção*, do *tempo* e do *logar.*

A unidade da acção consiste — em que todas as partes d'ella conspirem para o mesmo fim.

Esta unidade não exclue os episodios e accessorios; mas exige que sejam menos numerosos e menos complicados, do que na epopeia.

182. *A unidade de tempo* consiste — em a acção não durar mais do que o tempo proprio da representação. Não deve ser demasiado extensa.

183. *A unidade de logar* consiste — em que a acção se reproduza inteira no mesmo local [1].

184. Pelo que respeita á disposição da acção, deve notar-se — a *exposição,* o *nó* ou *intriga,* e o *desenlace* ou *catastrophe.*

---

[1] A unidade da acção, do tempo e do logar, tem o nome de — *tres unidades classicas.* A que caracteriza o heroe dramatico, é a unidade de acção; porque as outras duas só se consideram necessarias durante os actos.

185. **A exposição** da acção tem por fim — dar a conhecer o fundo do drama, os principaes personagens, prevêr os acontecimentos, e, talvez mais que tudo, despertar a curiosidade dos espectadores.

Deve ser feita clara e brevemente logo no principio do drama, podendo até sêl-o n'um prologo que o anteceda.

186. **O nó ou intriga** consiste — nas complicações e obstaculos que se encontram ao realizar a acção [1].

187. **O desenlace** toma o nome de *catastrophe* quando é infeliz.

Este desenlace desfaz o *nó* ou *intriga* por um de dous modos: ou por meio de *reconhecimento* do que se ignorava; ou por meio de *peripecia*, a qual consiste — em fazer apparecer de repente um acontecimento que torna a sorte dos personagens feliz ou desgraçada, ao contrario do que se esperava.

A caracteristica do desenlace é — ser imprevisto e rapido.

188. A exposição, o nó e o enredo distribuem-se nas chamadas *partes de quantidade*.

Partes de quantidade sam — principalmente os *actos* e as *scenas*.

Acto é — uma parte consideravel do drama ter-

---

[1] O nó ou intriga fórma todo o interesse da obra dramatica, e é por certo uma das partes mais difficeis para o escriptor.

minada pela ausencia total dos actores e pela descida do panno [1].

O numero dos actos é *variavel;* mas geralmente não se admittem mais de cinco.

Palco é — o logar onde os actores representam a acção.

Proscenio é — a parte posterior do palco — já fóra do panno.

189. Os actos dividem-se em *scenas.*

Scenas sam — as partes d'um acto, notadas pela entrada ou sahida dos actores.

O numero das scenas é variavel tambem; mas devem seguir-se umas ás outras naturalmente, e nenhum actor deve entrar ou sahir do palco sem um motivo plausivel [2].

190. As partes secundarias do drama sam — os *monologos* e os *dialogos.*

Monologo é — o discurso d'um só actor fallando comsigo mesmo. Deve ser curto.

---

[1] Os gregos tinham cinco actos, com quatro intermedios, em que tinham logar os cantos do coro. Ao primeiro chamaram *prologo;* ao segundo, terceiro e quarto, *episodio;* e ao quinto, *exodo.*

Os romanos seguiram a mesma divisão, mas não adoptaram os mesmos nomes; porque deram indistinctameute o nome de *acto* a cada parte maior.

[2] Modernamente dividem-se alguns actos em *quadros;* mas estes referem-se mais ás mudanças de scena em quanto á decoração do palco.

Os quadros sam alheios á litteratura.

Dialogo é — a conversação entre dous ou mais actores.

O dialogo entre dous, sendo extenso, cáe na monotonia; e entre mais de tres torna-se confuso [1].

XIV

Terceiro genero

Poesia didactica

191. Poesia didactica ou poéma didactico é — a narração poetica de um assumpto instructivo.

Dirigindo-se á intelligencia, **seu fim** é — *ensinar* e *instruir;* e é por isso que alguns lhe chamam *poesia philosophica.*

Seu objecto estende-se ás sciencias, ás artes, á moral e até á religião.

Não *differe,* senão na fórma, de outro qualquer tractado philosophico, critico ou moral; mas sobresáe a esses tractados pelo encanto e bellezas da fórma [2].

192. A poesia didactica podia dividir-se em

---

[1] Nada dizemos em relação aos *personagens,* porque lhes é applicavel o que deixámos exposto quando tractámos da epopeia.

[2] Como a poesia didactica tem por fim instruir, alguns a excluem dos dominios da arte. Hegel deprime-a, e Goethe classifica-a de transição entre a poesia e a rhetorica. Outros porém, pensando de outra maneira, elevam-na á altura das mais brilhantes manifestações do espirito.

tantas especies, quantas as verdades que ella exprime; mas, como similhante divisão era complicada, reduzil-a-hemos a tres — *poéma historico*, *poéma philosophico* e *poéma didactico propriamente dicto.*

193. **Poéma historico** é — o que narra os factos pela ordem e modo como aconteceram.

Poéma philosophico é — o que tem por objecto algum facto da ordem physica, metaphysica ou moral.

Poéma didactico propriamente dicto é — o que expõe qualquer facto doutrinal e disciplinar com applicação á vida practica [1].

Fórmas da poesia didactica

194. As fórmas da poesia didactica sam nove: — *satyra*, *epistola*, *epigramma*, *inscripção*, *epitaphio*, *fabula*, *parabola*, *proverbio* e *apologo*.

Não fallaremos de todas n'este logar, visto termos de considerar algumas como generos, ainda que indevidamente.

---

[1] Outros dividem o genero didactico em duas especies. A primeira tracta com a devida regularidade um só e determinado objecto; e os poémas d'esta especie tomam o nome do assumpto. Assim, se n'uma poesia se tracta de um passeio ou da guerra, esta poesia inscrever-se-á — *O Passeio* ou *A Guerra*.
A segunda especie comprehende — as composições poeticas em que se vam dando preceitos sobre varios assumptos. Os poémas d'esta especie denominam-se — *satyras* ou *epistolas*.

195. **Satyra** é — uma breve composição poetica tendente a castigar directamente o vicio.

Seu assumpto é grave e serio, e não risivel.

Seu fim é — vingar a moral e a virtude; e por isso não deve excitar paixões odiosas.

196. **O metro ou fórma** da satyra foi, antes de Sá de Miranda, e ainda por elle, só a *redondilha maior,* em quintilhas ou quadras rimadas; e depois adoptou-se tambem o *endecasyllabo,* solto ou rimado, que ainda se usa.

Seu estylo é — o *tenue.*

197. **Epistola** é — uma carta escripta em verso, na qual se dam regras practicas da vida, com o fim de atacar os vicios indirectamente.

Seu objecto é *variavel,* e por isso ha muita liberdade na escolha [1].

Segundo o assumpto da epistola, póde ella dividir-se em — *philosophica, lyrica, elegiaca, dedicatoria, familiar,* etc.

Seu metro e estylo é — o mesmo da satyra, ainda que este póde assumir todos os graus, segundo o objecto da epistola [2].

---

[1] A epistola póde tractar o mesmo assumpto que a satyra, quando esta se funda no contraste de uma moral abstracta com os pendores do vicio ou do ridiculo.

[2] Costumam alguns collocar aqui o *poéma descriptivo,* especie de poesia didactica; o qual se póde definir — o complexo de varias descripções e quadros da natureza physica, mas sem unidade de fim, nem de meios.

Tem algum interesse por causa das bellezas de elocução.

Seu metro é — o *endecasylabo* com um *estylo apurado.*

198. Inscripção é — uma pequena composição escripta ou gravada sobre um objecto com o fim de chamar a attenção [1].

199. Epitaphio é — a inscripção sobre um tumulo. Costuma conter alguns esclarecimentos relativos á pessoa fallecida.

Tanto a inscripção como o epitaphio devem primar pela clareza, brevidade e precisão [2].

XV

Quarto genero

Poesia elegiaca

200. Poéma elegiaco ou elegia é — uma poesia dolorosa por algum motivo pungente; e hoje não só é isso, mas é tambem destinada para manifestar saudosos prazeres, sentimentos ternos e delicados [3].

---

[1] Serve a inscripção para perpetuar a memoria d'algum acontecimento, ou recordar as virtudes d'uma certa pessoa; e hoje é um poderoso elemento para se interpretar o facto a que se vincúla.

[2] Da fabula, parabola, proverbio e apologo fallaremos mais adeante.

[3] Na elegia predomina o sentimentalismo individual do poeta, e por isso bem convencido estamos de que é uma pertença do genero lyrico; mas, fieis aos nosso plano (n.º 128 no fim) não podemos deixar de tractar d'ella n'este logar.

Quando a elegia tem por objecto chorar a morte d'alguem, toma o nome de **epicedio**, ainda que hoje já se não usa [1].

201. Tanto na elegia como no epicedio emprega-se o *metro endecasyllabo:* mas no epicedio emprega-se só ou acompanhado, solto ou rimado, á vontade do poeta; e na elegia vem sempre só, rimando alternadamente e formando tercetos.

Seu estylo é *variavel:* deve subir e descer com a vehemencia da angustia.

202. Modernamente costumam classificar as elegias em *individuaes* e *sociaes.*

Elegias individuaes sam — as que deploram uma perda domestica ou uma desgraça particular.

Elegias sociaes ou patrioticas sam — as que lamentam uma desgraça publica, os desastres de uma nação.

Estas podem attingir toda a altura da ode: e por isso se podem chamar verdadeiras *odes elegiacas* [2].

---

[1] A elegia nem sempre chorou a tristeza: entre os gregos teve o caracter guerreiro; entre os latinos teve tres graus — o *apaixonado,* onde predomina o sentimento; o *terno,* onde predomina a emoção suave; e o *gracioso,* onde predomina a imaginação.

Acima de todos elevou-se a elegia christã, de que sam brilhante exemplo as *lamentações de Jeremias,* etc.

[2] As composições elegiacas sam muito difficeis, porque a dôr nem se serve de phrases estudadas, nem da expressão ordinaria. A maxima difficuldade pois está em que estas composições pintem a dôr com côres vivas, verdadeiras e naturaes, fugindo já da vulgaridade e frieza, já da elevação demasiada e da falta de naturalidade.

XVI

Quinto genero

Poesia lyrica

203. Poéma lyrico ou poesia lyrica é — toda a composição poetica, real ou apparentemente composta para ser cantada ao som de instrumentos musicaes.

Na eschola moderna, a poesia lyrica define-se — a expressão total dos sentimentos da alma, ou a expressão viva e animada das idêas e sentimentos do poeta.

Seu objecto é — o sentimento, ou forte e elegre, ou brando, terno e apaixonado.

Seu fim é — enthusiasmar ou enternecer.

204. Tres sam principalmente as *caracteristicas* da poesia lyrica: 1.ª é a idêa subjectiva, pessoal e individual nascida directamente do espirito do poeta; 2.ª é a fórma que deve dimanar do mesmo centro da ideia e coração do poeta; e 3.ª é o desenvolvimento artistico, o qual ha de acompanhar a idêa que tem a desenvolver-se.

As leis do poéma lyrico sam pouco fixas, e ás vezes tão caprichosas, que perdem o caracter de leis. Isto entende-se no eschola romantica.

Especies do genero lyrico

205. O poéma lyrico tem geralmente o nome de *ode*, e comprehende — o *hymno* ou *ode sagrada*, *ode pindarica*, *epodica*, *saphica*, *anacreontica*, *epithalamio*, *canção*, *cantata*, *lyra* e *dithyrambo* [1].

206. **Hymno** é — o canto lyrico em louvor da Divindade.

Póde celebrar os louvores dos deuses, bem como os santos da religião. A liturgia christã é abundantissima nestas composições [2].

Hoje o hymno é destinado tambem, ainda que illegitimamente, a celebrar assumptos profanos.

Seu metro é — o *endecasyllabo* só, ou acompanhado do *heroico quebrado*, solto ou rimado á vontade do poeta [3].

Seu estylo é — o *sublime*.

---

[1] Esta é a divisão da eschola classica: mas, segundo a eschola moderna, uns dividem o genero lyrico em — *hymnos*, *odes* e *canções*; e outros reduzem todas as suas especies a — *odes*, *elegias*, *canções* e *poesias diversas*.

[2] Taes sam os canticos — *Gloria in excelsis*, *Benedictus*, *Magnificat*, *Te Deum*, todos os hymnos do *Breviario*, etc.

[3] Segundo a eschola moderna, seu metro é — o *decasyllabo*, só ou com o *heroico quebrado*, etc.

Fazemos esta nota, para prevenir o leitor da differença que fazem as duas escholas em quanto ao metro.

Esta differença está no modo de contar as syllabas. A eschola classica conta todas as syllabas metricas, e a eschola

207. Ode pindarica é — um canto lyrico em louvor dos heroes e dos seus feitos.

Chamou-se assim, por ser Pindaro, poeta grego, o primeiro que a cultivou.

É tambem conhecida, e talvez com mais propriedade, pelo nome de — *ode heroica,* ainda que esta alguma differença tem d'aquella, mórmente em quanto á fórma.

Seu objecto é — celebrar os talentos e virtudes dos grandes homens, as victorias dos guerreiros, os acontecimentos felizes ou funestos ás nações, etc.

Aspirando a excitar o amor da patria, da liberdade e da gloria, admitte esta poesia os vôos e o fogo do enthusiasmo.

208. **Seu estylo** é — o *sublime.*

Seu metro é — o *endecasyllabo* e *heroico quebrado* em estancias regulares, denominadas — *strophes*, *antistrophes* e *epodos* [1], seguidas, e repetidas

---

romantica faz a contagem só até ao ultimo accênto predominante.

D'aqui resulta que, quando a primeira conta onze syllabas, conta a segunda só dez; e assim nos outros metros.

D'aqui por deante seguiremos n'esta contagem a eschola classica, visto ser facil a passagem de uma para outra maneira de contar.

[1] Estas denominações foram introduzidas da poesia grega.

Na Grecia chamava-se *strophe* a parte do hymno que o côro tragico cantava, volteando o altar pela direita. Á strophe oppunha-se a *antistrophe,* a qual era recitada, volteando o côro pela esquerda.

Á antistrophe seguia-se o *epodo,* o qual era cantado ante o altar, estando o côro parado.

segundo a extensão do assumpto, servindo cada uma das tres primeiras de modelo a todas as outras em quanto ao numero e qualidade de versos e natureza da rima.

Apesar d'isto, já entre os classicos apparecem odes heroicas de estancias todas eguaes, e até sem divisão d'estancias.

209. Ode epodica é—uma composição lyrica que se occupa de assumptos philosophico-moraes.

Toma tambem o nome de *ode moral, ode philosophica* e *ode philosophico-moral.*

Seu objecto é — cantar com enthusiasmo as grandes verdades da moral, da politica, das artes ou das sciencias, com o fim de combater o vicio e inspirar amor pela verdade e pela virtude.

Seu estylo é — o *médio.*

Seu metro é — o *endecasyllabo* e *heroico quebrado,* rimado ou solto, alternado ou enlaçado e formando estancias eguaes no numero de versos e rima, se a tiver, á vontade do poeta.

210. A ode saphica [1] não tem objecto determinado; mas póde dizer-se que o seu *asssumpto* é o mesmo que o da ode epodica.

O que unicamente a *caracteriza* e distingue da antecedente, é a *fórma* invariavel de estancias regulares de quatro versos cada uma: os tres primeiros

[1] Chamou-se assim, de Sapho, poetiza grega.

endecasyllabos saphicos, (n.º 95) e o quarto *quebrado* de cinco syllabas, sem rima.

Seu estylo é — o *médio.*

211. Ode anacreontica é — uma breve composição lyrica que canta os transportes e o fogo de uma paixão amorosa.

Tomou este nome, de Anacreonte, poeta grego, seu inventor.

Na poesia moderna chama-se *ode amorosa.*

Sua caracteristica é — pouca extensão, e muita naturalidade nos pensamentos, belleza nas descripções e imagens, e facilidade e melodia na versificação.

Seu estylo é — o meio termo entre o *tenue* e o *médio.*

Seu metro é — a *redondilha maior,* e d'ahi para baixo, quasi sempre rimado.

212. Epithalamio é — um canto lyrico dedicado á felicidade das bodas.

N'este canto celebram-se os encantos da vida nupcial, elogiam-se as qualidades dos noivos, etc.

Seu estylo é — o *médio,* e d'ahi para cima, segundo a condição dos recem-casados.

Seu metro é — o *endecasyllabo,* só, ou acompanhado, solto ou rimado, á vontade do poeta.

213. Canção é — uma pequena poesia lyrica em fórma cantavel e sobre assumptos ordinariamente populares.

Sua caracteristica é — a espontaneidade com que canta, ora a alegria e o prazer, ora a tristeza e a amargura.

A canção popular é a fórma mais brilhante do lyrismo.

N'ella se cantam a consciencia e o viver intimo dos povos, como n'ella se celebram os acontecimentos nacionaes.

Seu estylo é — o meio termo entre o *tenue* e o *médio*.

Seu metro é — o *endecasyllabo* e *heroico quebrado*, e ainda qualquer dos de menor medida, em estancias eguaes em numero de verso e disposição de rima, terminando por uma estancia mais pequena chamada *remate*, na qual o poeta, fallando com a canção, conclue com um novo pensamento.

214. Na eschola moderna, empregam-se na canção as estancias regulares com rimas, tendo os versos geralmente a mesma medida, mas não terminando a canção com remate.

215. Como as canções modernas podem ter por assumpto a variedade quasi infinita dos sentimentos e situações do coração humano, podem ser — *religiosas, patrioticas* ou *guerreiras, satyricas, pastoris, bacchicas, amorosas* [1], etc.

216. Cantata é — a especie de poesia lyrica que celebra qualquer dos objectos da canção.

---

[1] Na litteratura classica, consideram especies de canção a *cançoneta, endecha* e o *romance lyrico*, as quaes não eram mais do que canções com pequenas variantes em quanto ao metro e rima.

Differe d'esta no seguinte: a canção termina por uma pequena estancia, referida á propria canção, e a cantata tem duas partes — *recitativo* e *ária.*

No recitativo o poeta expõe o assumpto; na ária moraliza-o.

O metro do recitativo é — o *endecasyllabo*, só ou acompanhado do *heroico quebrado*, solto ou rimado, á vontade do poeta.

O metro da ária é — a *redondilha menor*, e d'ahi para baixo, formando estancias regulares em quanto á rima e em quanto ao numero de versos.

O estylo para o recitativo é — o *médio.*

O estylo para a ária é — o meio termo entre o *tenue* e o *médio.*

Hoje a cantata está quasi em desuso.

217. Lyra é — uma especie de poesia lyrica que tracta qualquer dos objectos da canção; mas em pequenas estancias regulares, repetindo no fim de cada uma d'ellas um estribilho ou retornello, composto de egual ou de menor numero de versos.

Seu metro é — o *endecasyllabo* ou a *redondilha maior*, e d'ahi para baixo, só ou misturado.

Seu estylo é — o da cantata.

Esta composição poetica está tambem quasi em desuso [1].

---

[1] Alguns criticos fazem comprehender aqui as composições chamadas *madrigaes;* as quaes outros, e talvez com mais fundamento, fazem pertencer ao genero epigrammatico.

Seguimos a opinião d'estes, apesar de acharmos fundamentada a dos primeiros.

218. Dithyrambo é — uma especie de poesia lyrica inspirada pelo vinho e prazeres dos banquetes.

Confunde-se com a *canção bacchica*, que egualmente é composta em louvor do vinho e de Baccho, o inventor d'elle segundo a mythologia.

Sua caracteristica é — uma affectada desordem.

Seu fim é — imitar o desarranjo em que ficam as idêas com o vinho.

Seu metro — Admitte versos de todas as medidas, quer sejam agudos, inteiros ou esdrúxulos, quer soltos, ou rimados, sem egualdade nem artificio.

Seu estylo sobe e desce segundo o movimento das idêas. Por isso do *médio* baixa ao *tenue*, d'este sobe ao *grande*, e *vice-versa*.

XVII

Sexto genero

Poesia pastoril ou bucolica

219. A poesia pastoril ou bucolica comprehende toda a composição poetica que tem por objecto cantar os prazeres e amores innocentes do campo ou os trabalhos e costumes singelos de seus naturaes habitadores.

Sam *assumpto* d'esta poesia — a innocencia da vida pastoral, a ingenua expansão de alegria nas suas festas, o aspecto dos campos, as scenas risonhas da natureza, etc.

Seu fim é — inspirar ao homem sentimentos suaves, fazer-lhe amar a vida innocente e pura, dominar-lhe as paixões ardentes, leval-o a procurar a paz das solidões, etc.

220. Distinguem-se n'esta poesia duas especies — *ecloga* e *idyllio.*

Ecloga é — a poesia pastoril dialogada.

Idyllio é — a poesia pastoril em que o poeta se apresenta só a expôr seus sentimentos.

Por isso, segundo a eschola moderna, aquella pertence á poesia dramatica; e este, á lyrica.

Se estas composições cantarem a vida e costumes dos pescadores, tomam o nome de *piscatorias.*

221. A simplicidade e graça dos pensamentos, e uma fórma pouco pomposa, mas natural, singela e graciosa, sam **caracteristicas** d'estas composições.

Por isso

Seu estylo é — o *tenue.*

Seu metro é — o *endecasyllabo,* solto ou rimado, formando tercetos ou outras estancias [1].

---

[1] As eclogas modernamente quasi estam em esquecimento; mas cultivam-se ainda um pouco os idyllios, se bem que com uma nova feição.

XVIII

Setimo genero

Poesia epigrammatica

222. Poéma epigrammatico ou poesia epigrammatica é — toda a composição poetica, breve e conceituosa [1].

A principio, mórmente entre os gregos, o epigramma era uma inscripção sobre os tumulos, estatuas ou outros monumentos, como se vê da sua origem. Entre os romanos conservou a brevidade da inscripção; mas começou a envolver um pensamento satyrico.

É pois esta qualidade, alliada á brevidade, que ainda hoje constitue a caracteristica do epigramma.

Sam quatro as suas especies: — *epigramma propriamente dicto*, *madrigal*, *decima* e *soneto*.

223. Epigramma propriamente dicto é — uma pequena poesia, que exprime um pensamento fino, engenhoso e, as mais das vezes, satyrico.

Seu objecto póde ser — elogiar a virtude, atacar o vicio e censurar defeitos, com tanto que não redunde em grosseiro ou diffamatorio.

---

[1] As poeticas influencidas pela eschola romantica consideram o epigramma como uma pertença da poesia didactica, como já vimos.

Seu metro e rima sam — *arbitrarios.*

Seu estylo é — *variavel,* ainda que alguns dizem que deve ser um meio termo entre o *tenue* e o *médio.*

224. Madrigal é — quasi a mesma cousa que o epigramma; mas differe d'este em exprimir um pensamento terno e delicado [1], em quanto que o epigramma, em geral, encerra um pensamento satyrico e mordente.

Seu metro é — o *endecasyllabo* e *heroico quebrado,* em numero de entre seis e dezesete versos entremeiados, soltos ou rimados, a vontade do poeta.

Seu estylo é — o do epigramma.

225. Decima é — a especie de poesia epigrammatica que tracta de um determinado assumpto, em uma só estancia de dez versos; e d'aqui lhe veiu o nome.

Sua caracteristica é — terminar com um pensamento subtil e delicado.

Seu metro é—a *redondilha maior,* rimando o primeiro verso com o quarto e quinto, o segundo com o terceiro, o sexto com o setimo e decimo, e o oitavo com o nono.

Seu estylo é — o *tenue,* mas apurado [2].

---

[1] Alguns reputam o madrigal como pertencente á poesia lyrica.

[2] Tem-se como requisito na decima que ella faça um sentido completo nos quatro primeiros versos, sendo os restantes um desenvolvimento d'aquelles. Egualmente se exige que cada uma encerre um pensamento perfeito, não passando de umas para as outras,

226. Soneto é — uma especie de poesia epigrammatica caracterizada pela *idéa* e pela *fórma*: — pela idêa, deve ter muita nobreza e elevação de pensamentos, a elegancia e delicadeza do madrigal, a finura e agudeza do epigramma, de que é especie; — e pela fórma, deve necessariamente constar de quatorze versos, formando dous quartetos e dous tercetos rimados.

Seu metro é — o *endecasyllabo*, rimando d'esta maneira: nos quartetos, o primeiro verso com o quarto, quinto e oitavo; e o segundo com o terceiro, sexto e setimo: nos tercetos, o primeiro com o terceiro e quinto; o segundo com o quarto: ou, segundo o systema antigo, o primeiro com o quarto, o segundo com o quinto e o terceiro com o sexto.

Hoje já se emprega mesmo nos quartetos a rima cruzada.

Seu estylo — deve ir progressivamente subindo até que termine por um pensamento mais nobre e elevado. Foi por isso que os antigos disseram que o soneto devia ser *aberto com uma chave de prata e fechado com outra de ouro.*

XIX

Oitavo genero

Apologo

227. Eis-nos chegados finalmente ao ultimo genero — o *apologo*, segundo a eschola classica.

Por esta occasião fallaremos tambem da *fabula, parabola, allegoria* e *proverbio*, ainda que estas composições pertencem antes á poesia didactica, assim como esta fórma um genero secundario ou mixto, segundo a eschola romantica.

É pois **apologo** — um conto allegorico-moral em que fallam, ficticiamente, animaes irracionaes ou cousas inanimadas.

Seu objecto é — a *ficção*.
Seu fim é — a *moralidade*.
Seu metro é — *arbitrario*.
Seu estylo é — o *tenue*.

228. **Fabula**, que tambem se toma como synonima de *apologo*, é — a narração de um facto allegorico donde se deduz uma verdade applicavel na vida practica.

Como é a narração de uma acção, attribuida a personagens reaes ou ideaes, deve ter propriedades communs á poesia epica e dramatica; e por isso deve ter as mesmas qualidades que estas.

Seu fim, metro e estylo é — o mesmo que o do apologo.

229. Ha tres especies de fabulas — *moraes, racionaes* e *mixtas*.

Fabulas moraes sam — aquellas cujos personagens sam entes irracionaes ou inanimados, e n'esta hypothese tomam antes o nome de *apologos*.

Fabulas racionaes sam — aquellas em que os agentes ou personagens sam homens.

Fabulas mixtas sam — aquellas em que os personagens racionaes tractam com outros que o não sam.

Geralmente agradam mais as fabulas cujos agentes não sejam homens.

230. Parabola é — quasi a mesma cousa que a fabula; mas distingue-se d'ella em procurar o tecido da acção, não em a natureza e no reino animal, mas nas circumstancias da vida, taes como ellas se nos offerecem.

231. Parabola pois é — a narração d'um facto imaginario cujos agentes sam homens.

D'esta especie ha brilhantissimos exemplos no Novo Testamento.

232. Proverbio é — uma composição poetica intermediaria entre a parabola e a fabula. Tem por objecto um axioma, ou qualquer maxima moral.

Ex.:

Não ha corpo fraco onde o coração é forte.

CONCLUSÃO

Terminamos aqui nosso breve estudo sobre preceitos poeticos. Não se pense porém que fallámos de todas as especies de poesia. Omittimos o *acrostico,* a *poesia ligeira*, a *humoristica* e outras especies; umas por serem antiquadas, e outras por lhes ser applicavel o que dissemos com relação ao genero lyrico. Resta-nos dar uma brevissima noção das escholas poeticas e alguns exemplos para analyse.

Deveriamos talvez terminar este opusculo com um bosquejo da historia da poesia; mas deixamos de fazel-o, por termos resolvido publicar brevemente uma synopse de litteratura, na qual daremos alguns traços sobre a historia da poesia.

Escholas poeticas

233. Na opinião dos escriptores modernos, tres sam as escholas poeticas: — *classica, romantica* e *neo-classica.*

234. **A eschola classica** é — a que procura seus assumptos, de ordinario, na antiga historia, tira o *maravilhoso* da mythologia e procura imitar a litteratura grega ou romana.

Seguia os preceitos de Aristoteles e Horacio, entre os antigos, e de Vida e Boileau, entre os modernos.

235. Duas sam as suas *caracteristicas:* — 1.ª demasiada sujeição aos preceitos auctoritarios, em opposição á manifestação livre do genio; — 2.ª o emprego do maravilhoso pagão, pondo o espirito em contrariedade com as suas idêas religiosas e com os sentimentos do christianismo.

236. **Eschola romantica** é — a que procura seus assumptos em factos modernos, tira o maravilhoso do christianismo e liberta o genio da escravidão das regras classicas.

237. A eschola classica teve origem na imitação da litteratura grega e latina, e a eschola romantica crê-se ter nascido do christianismo [1].

---

[1] Alguns entendem que a eschola romantica teve origem entre os povos da Germania; e por isso sustentam que era mais

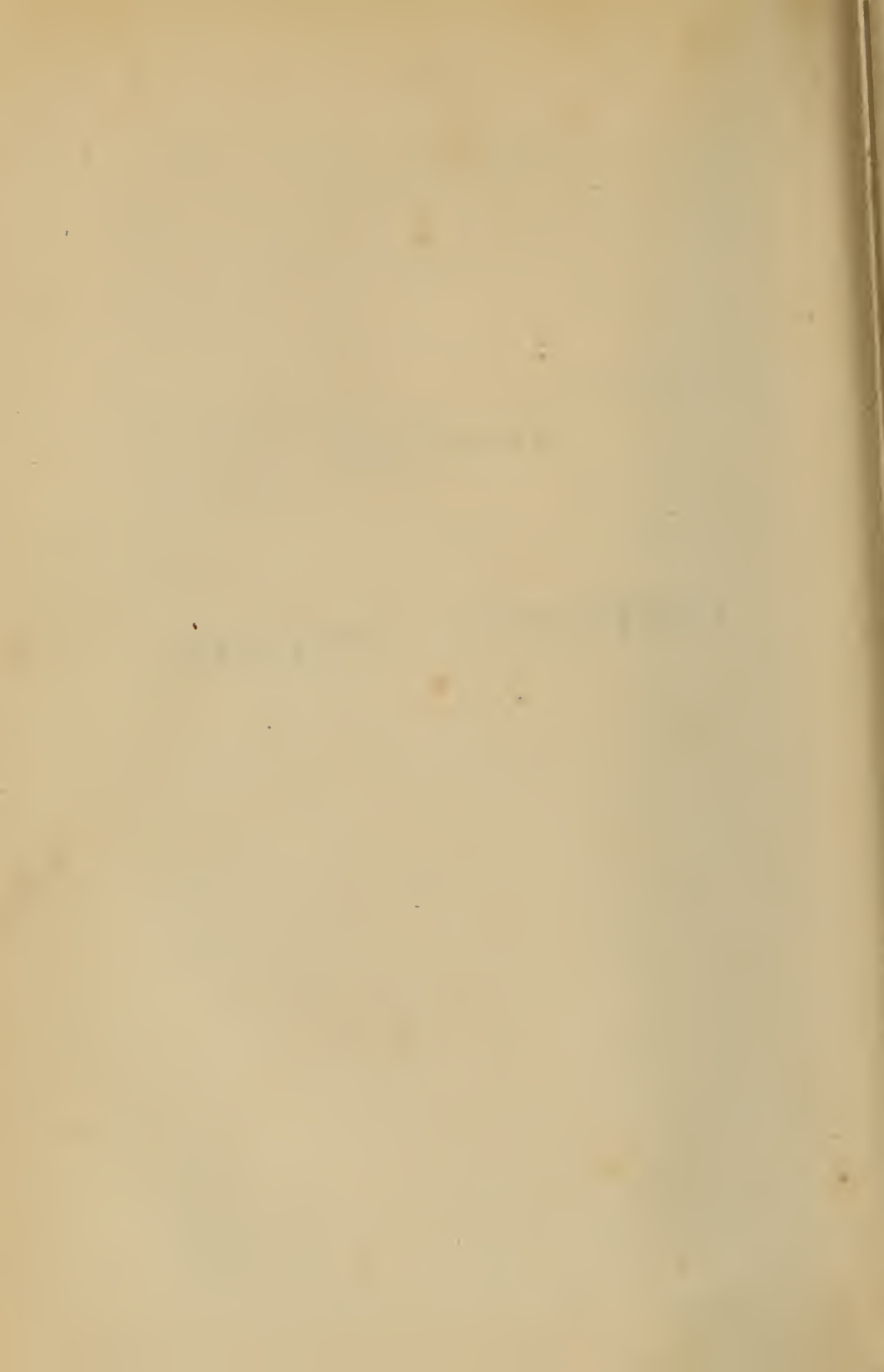
238. **Eschola neo-classica** é — um meio termo entre as duas primeiras: nem se desliga completamente das regras da arte, nem se escraviza a ellas. Procura evitar os extremos, e por tanto os vicios das duas primeiras escholas [1].

acertado chamar-lhe *germanismo*. Pouco importa a questão de origem para o estudo da arte.

[1] *Vej. a nota de pag. 46.*

EXEMPLOS

DE

COMPOSIÇÕES POETICAS

GENERO EPICO

EXCERPTO DOS LUSIADAS

1

As armas e os varões assignalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana;
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

2

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, que foram dilatando
A fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa e de Asia andaram devastando:
E aquelles, que por obras valorosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se tanto me ajudar o ingenho e arte.

19

Já no largo oceano navegavam
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das náus as velas concavas inchando:
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas.

20

Quando os deuses no olympo luminoso
Onde o governo está da humana gente,
Se ajunctam em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do oriente:
Pisando o crystallino céu formoso
Vêm pela via lactea junctamente,
Convocados da parte de Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

21

Deixam dos septe céus o regimento,
Que do poder mais alto lhes foi dado;
Alto poder, que só c'o pensamento
Governa o céu, a terra e o mar irado:
Alli se acharam junctos n-um momento
Os que habitam o arcturo congelado,
E os que o austro têm, e as partes onde
A aurora nasce, e o claro sol se esconde.

Camões, cant. I.

79

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empresa, qual a vós se deve;
Trabalho illustre duro e esclarecido;
O que eu sei, que por mim vos será leve.

Não soffri mais, mas logo: Ó rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

80

Imaginae tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheu a Alcides inventava;
O leão cleoneio, harpyas duras,
O porco de Erymantho, a hydra brava:
Descer em fim ás sombras vãs e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mor affronta,
Por vós, ó rei, o esp'rito e carne é prompta.

81

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e cresce,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado de amor e de amizade,
Não menos cubiçoso de honra e fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.

82

Mais se me ajuncta Nicolau Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos são de valia e de conselho,
De experiencia em armas e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

83

Foram de Manuel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem,
Assi foram os Minyas ajunctados,
Para que o véu dourado combatessem,
Na fatidica nau, que ousou primeira
Tentar tomar Euxino, aventureira.

84

E já no porto da inclyta Ulysseia,
C'um alvoroço nobre, e c'um desejo
(Onde o licor mistura, e branca areia,
C'o salgado Neptuno o doce Tejo),
As naus prestes estão; e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

85

Pelas praias vestidos os soldados
De varias cores vêm e varias artes;
E não menos de esforço apparelhados
Para buscar do mundo novas partes:
Nas fortes naus os ventos socegados
Ondeiam os aéreos estandartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no olympo estrellas, como a de Argos.

86

Depois de apparelhados d'esta sorte,
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo Poder, que a etherea côrte

Sustenta só com a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

87

Partimo-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
D'onde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó rei, que se contemplo
Como fui d'estas praias apartado,
Cheio dentro de duvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho freio.

88

A gente da cidade aquelle dia,
Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver sómente, concorria,
Saudosos na vista e descontentes:
E nós co'a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deus orando,
Para os bateis viemos caminhando.

Camões, cant. IV.

92

Já a manhã clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Disse alegre o piloto melindano:
Terra é de Calecut; se não me ingano.

93

Esta é por certo a terra, que buscais,

Da verdadeira India, que apparece;
E se do mundo mais não desejaes,
Vosso trabalho longe aqui fenece.
Soffrer aqui não póde o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece;
Os giolhos no chão, as mãos ao ceu,
A mercê grande a Deus agradeceu.

Camões, cant. VI.

POÉMA HEROICO

EXCERPTO DO CANTO X DO CAMÕES

Partida de D. Sebastião para a Africa — Morte de Camões

IX

Já se movem as náus; e as altas pontes
Se ouriçam de belligeras phalanges.
Redobra o pranto. — Ancora sobe, antenas
Se espandem..... Lá te vás, e para sempre!
Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade e gloria.

X

«Que me resta j'agora?» os olhos longos
Para a frota que perde no horizonte,
Comsigo o vate diz: «O que me resta
Sobre a terra dos vivos? Um amigo,
Um amigo, neste arido deserto

Da vida, me fallece. Um bordão unico
A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou. O numero está cheio
De meus dias, contados por desgraças,
Marcados, um por um, na pedra negra
De fado negro e máu. Posso eu acaso
Nos corações contar dos homens todos
Uma só pulsação que por mim seja?
Posso dizer...» — Gemido, que ouve perto,
O interrompeu. Era o seu Jáo, que afflicto
O escutava. Do humilde e pobre escravo
O coração fiel se retalhava
De ouvil-o assim queixar. «Ah! se eu não fôra,»
— Com os olhos e as lagrimas dizia;
Com os olhos, que os labios não ousavam —
«Ah! se eu não fôra um desgraçado escravo,
Que coração que eu tinha para dar-lhe!»

XI

Tu, generoso amo, lhe intendeste
Seu fallar mudo, seu dizer de lagrimas.
— «Tens razão; injustiça é grande a minha:
Inda tenho um amigo.» — Pausa longa
Seguiu estas palavras; e no peito
Do generoso Antonio desafoga
O coração que lhe apertava a magoa;
Nos olhos, rasos do chorar ainda,
A alegria lhe ri por entre o pranto,
E o amo, a quem signaes de tanto affecto
Movem no intimo d'alma, sente um golpe
De balsamo cahir-lhe sobre as chagas
Do coração lanhado: a dextra languida
Poisa no hombro fiel, o peito incosta
Sobre o peito leal do amigo... — Amigo

Direi, amigo sim: peja-te o nome,
Orgulho do homem vão, por dado ao escravo?
E que és tu mais?—Era de ver, e digno
Espectaculo a donde se cravassem
Os olhos todos dessa raça abjecta
Que se diz de homens, a figura nobre
Do guerreiro, em que toda se debuxa
A altivez, a grandeza, a força d'animo,
Com o andrajoso, humilde e pobre escravo
Em attitude tal. Rira-se o mundo;
O homem de bem, de coração, chorára.

. . . .

XIV

Sua pobre habitação os dous entraram;
E tristes horas, dias, mezes passam
Arrastados e longos,—qual o tempo
Para infelizes anda — sem que a sorte
Mais ditosos os visse, ou a amizade
Menos unidos.—Mas a mão tremente,
Incarquilhada e sêcca já sobre elles
Ia extendendo a pallida indigencia:
E a fome... a fome alfim.—Clamor pequeno
Que de minhas endêxas tenue soa,
Se juncte aos brados das canções eternas
Com que o teu nome, generoso Antonio,
Já pelo mundo engrandecido echoa.
Vêde-o, vai pelas sombras caridosas
Da noite, de vergonhas coitadora,
De porta em porta timido esmolando
Os chorados seitis com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes,*
Dae esmola a Camões. Eternas fiquem
Estas do extranho bardo memorandas,

Injuriosas palavras, para sempre
Em castigo e escarmento conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

XV

Não póde mais o coração co'a a vida;
E lenta a morte c'o infezado sangue
Caminho vêi do peito. O espaço mede
Que lhe resta na arena da existencia;
Perto a barreira viu... Ahi jaz o tumulo.
Chegado é pois o dia do descanso...
Bem vinda sejas, hora de repouso!
Com a trémula mão tentêa as cordas
Daquella lyra onde troou a gloria,
Onde gemeu amor, carpiu saudade,
E a patria... oh! e que patria os ceos lhe deram!
Off'rendas recebeu de hymnos celestes:
Pela ultima vez as cordas fere,
E este adeus derradeiro á patria disse,
Cortando-lhe o alento enfraquecido
Agora os sons, agora a voz quebrada.

XVI

— «Terra da minha patria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hymnos
Não voaram por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me engeitaste!
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre-me o seio.

XVII

«Vivi: que me ficou da vida, agora
Que baixo á sepultura? Não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado.
E tranquillo direi: *vivi;* — tranquillo
Direi: *morro.* Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado? Não: contínuo,
Na inquieta campa estão rangendo
Ao som das maldições, deixa de crimes,
Legado impio dos maus. Eu socegado
Na terra de meus paes hei de incostar-me...

XVIII

«Já me sinto ao limiar da eternidade:
Véo que ennubla, na vida, os olhos do homem,
Se adelgaça: rasgado, os seios me abre
Do escondido porvir... — Oh! qual te has feito,
Misero Portugal!... oh! qual te vejo,
Infeliz patria! Serves tu, princeza,
Tu, senhora dos mares!... Que tyrannos
As aguas passam do Guadiana? A morte,
A escravidão lhes traz ferros e sangue...
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia.

XIX

«Que náus são essas que ufanosas surcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros
Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão! nas popas descobrir as Quinas.
Em vão; da hástea da lança escalavrada
Roto o estandarte cái dos portuguezes.

XX

«Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
Da gloria lusitana... Uma faisca,

Esquecida a tyrannos, lá scintilla:
Mas quam debil que vens, sopro de vida!
Um só momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, inferma
Só te ergues desse leito de miseria
Para cahir, desfallecer de novo.

XXI

«Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que mares? Já teu nome ignora
Neptuno, que de ouvil-o estremecia.
Suberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua gloria? Nem herdeiro
De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra.
Prole de Lusos, peja-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto
O paterno casal cahir de todo,
Ingratos filhos, a memoria antiga
Não guardareis do patrio, honrado nome?
«Oh patria! oh minha patria!...»

XXII

A voz, que affroixa,
Interromperam sons desconhecidos
De voz de estranho que na estancia humilde
Entra do vate. — «Perdoae, se ousado
Entrei, senhor, mas... «Quem sois vós? Ha inda
Homem no mundo que a poisada obscura
D'um moribundo saiba?» — «Cavalleiro,
Desde o alvor da manhã que vos procuro:
De Africa hoje cheguei...» — «Ah! perdoae-me.
«Sois vós, Conde? Voltaste? E que novas

Me trazeis?» — «Tristes novas, cavalleiro.
Ai! tristes. D'esta carta, que vos trago,
Sabereis tudo.» — Ao vate a carta entrega:
Do missionario era, que dos carceres
De Fez a escreve. Saudoso e triste,
Mas resignado e placido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,
De allivio e de esperança. — «Extincto é tudo
Nesta mansão de lagrimas e dôres;
— As lettras dizem — tudo; mas a patria
Da eternidade, só a perde o impio.
Deus e a virtude restam: consolae-vos...»

XXIII

«Oh! consolar-me!» exclama, e das mãos trémulas
A epistola fatal lhe cái: «Perdido
É tudo pois!...» No peito a voz lhe fica;
E de tamanho golpe amortecido
Inclina a frente... còmo se passara,
Fecha languidamente os olhos tristes.
Anciado o nobre conde se approxima
Do leito... Ai! tarde vens, auxilio de homem.
Os olhos turvos para o ceu levanta;
E já no arranco extremo: — *Patria,* ao menos
Juncto morremos... E expirou co'a patria.

V. d'Almeida Garrett.

POÉMA HEROICOMICO

EXCERPTO DO HYSSOPE

Eu canto o bispo e a espantosa guerra
Que o hyssope excitou na egreja d'Elvas.
Musa, tu, que nas margens apraziveis,
Que o Sena bordam de arvores viçosas,
Do famoso Boileau a fertil mente
Inflammaste benigna, tu m'inflamma,
Tu me lembra o motivo; tu as causas
Porque a tanto furor, a tanta raiva
Chegaram o prelado, e o seu cabido.
Nos vastos intermundios de Epicuro,
O gran' paiz se estende das chimeras,
Que habita immenso povo, differente
Nos costumes, no gesto e na linguagem.
Aqui nasceu a moda, d'aqui manda
Aos vaidosos mortaes as varias fórmas
De seges, de vestidos, de toucados,
De jogos, de banquetes, de palavras;
Unico emprego de cabeças ôcas.
Trezentas bellas caprichósas filhas,
Presumidas a cercam, e se occupam
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aqui seu berço teve a espinhosa
Escholastica vã philosophia,
Que os claustros inundou; e que abraçaram
Até á morte os perfidos Solipsos.
D'aqui sahiram a infestar os campos

Da bella poesia, os anagrammas,
Labyrinthos, acrosticos, segures,
E mil especies de medonhos monstros,
A cujas vistas as musas espantadas,
Largando os instrumentos se esconderam
Longo tempo nas grutas do Parnaso.
Aqui (cousa piedosa!) alçou a fronte
A insipida Burletta, que tyranna
Do theatro desterra indignamente
Melpomene e Thalia, e que recebe
Grandes palmadas da nação castrada.

Do denso povo, que o paiz povôa,
Uns com prodiga mão, ricos thesouros,
A troco de uma concha, ou borboleta,
Ou d'uma extranha flôr, que represente
As vivas côres do listrado iris,
Despendem satisfeitos. Outros passam,
Sem cessar, revolvendo noite e dia
Do antigo Lacio antigos manuscriptos,
Do roaz tempo meio consumidos,
Para depois tecer grossos volumes
Do — H — sobre a pronuncia; ou se se deve
A conjuncção unir ao verbo, ou nome,
Que marcham antes d'ella no discurso.
Alguns (misera gente!) inutilmente
Compõem grandes Iliadas e tecem
Aos vaidosos magnatas mil sonetos,
Mil pindaricas odes e epigrammas,
A que apenas de olhar elles se dignam.
Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar tres Anticyras,
Abrazados se crêem d'um sancto fogo,

E ter commercio com os altos deuses;
Senhores da aurea fama, e seus thesouros,
Se inculcam aos heroes, e em seus delirios
Se julgam mais felizes e opulentos,
Que o grande imperador da Trapizonda,
Em quanto, na pobreza submergidos,
Cobertos de baldões, e d'improperios
Dos ricos ignorantes, e dos grandes,
Com mofa, e com despreso, são olhados.
D'este pois populoso e vasto imperio
Em paz empunha o sceptro soberano
O Genio tutelar das Bagatellas.

....

....

A. DINIZ DA CRUZ E SILVA.

GENERO DRAMATICO

TRAGEDIA

ACTO V DA CASTRO

Infante, Mensageiro

INFANTE

Outro Céo, outro Sol me parece este
Differente d'aquelle, que lá deixo
D'onde parti, mais claro, e mais formoso.
Onde não resplandecem os dous claros
Olhos da minha luz, tudo é escuro.
Aquelle é só meu Sol, a minha estrella,

Mais clara, mais formosa, mais luzente
Que Venus, quando mais clara se mostra.
D'aquelles olhos s'alumia a terra,
Em que sombra não ha, nem nuvem escura.
Tudo alli é tam claro, que té a noite
Me parece mais dia, que este dia.
A terra alli s'alegra, e reverdece
D'outras flores mais frescas e melhores.
O Céo se ri, e se doura differente
Do que neste horizonte se me mostra.
O suberbo Mondego com tal vista
Parece que ao gran mar vai fazer guerra.
D'outros ares respira alli a gente,
Que fazem immortaes os que lá vivem.
Ó Castro, Castro, meu amor constante!
Quem me de ti tirar, tire-me a vida,
Minh'alma lá ma tens, tenho cá a tua.
Morrendo uma destas vidas, ambas morrem.
E havemos de morrer? póde vir tempo
Que ambos nos não vejamos? nem eu possa,
Indo buscar-te, ó Castro, achar-te lá?
Nem achar os teus olhos tão formosos,
De que os meus tomam luz, e tomam vida?
Não posso cuidar n'isto, sem os olhos
Mostrarem a saudade, que me fazem
Tão tristes pensamentos. Viveremos
Muitos annos, e muitos: viveremos
Sempre ambos nest'amor tão doce, e puro.
Rainha te verei deste meu reino,
D'outra nova coroa coroada
Differente de quantas coroaram
Ou de homens, ou mulheres as cabeças.
Então serão meus olhos satisfeitos:

Então se fartará da gloria sua
Est'alma, que anda morta de desejos.

MENSAGEIRO

Ó triste nova, triste mensageiro
Tens ante ti, senhor.

INFANTE

Que novas trazes?

MENSAGEIRO

Novas crueis; cruel sou contra ti,
Pois m'atrevi trazel-as. Mas primeiro
Socega teu'spirito: e n'elle finge
A maior desventura, que te agora
Podia acontecer: que gran remedio
É ter o 'spirito armado á má fortuna.

INFANTE

Tens-me suspenso. Conta: que accrescentas
O mal com a tardança.

MENSAGEIRO

É morta Dona Ignez, que tanto amavas,

INFANTE

Ó Deus! ó Céos! que contas? que me dizes?

MENSAGEIRO

De morte tão cruel, que é nova magoa
Contar-ta: não me atrevo.

INFANTE

É morta!

MENSAGEIRO

Sim.

INFANTE

Quem ma matou?

MENSAGEIRO

Teu pae com gente armada
Foi hoje salteal-a. A innocente,

Que tão segura estava não fugiu.
Não lhe valeu o amor com que te amava.
Não teus filhos, com que se defendia.
Não aquella innocencia, e piedade,
Com que pediu perdão aos pés lançada
D'El-Rei teu pae, que teve tanta força
Que lho deu chorando. Mas aquelles
Crueis Ministros seus, e Conselheiros
Contr'aquelle perdão tão merecido
Arrancando as espadas se vão a ella
Traspassando-lh'os peitos cruelmente;
Abraçada c'os filhos a mataram,
Qu'inda ficaram tinctos do seu sangue.
. . . .

ANTONIO FERREIRA.

COMEDIA

Os preparativos d'uma assembleia

BRAZ

Intendes, Gil Fustote, o que te digo?

GIL

Intendo, intendo: dizes que partida
Hoje em casa terás, ou assembleia.
Amigo Braz Carril, estas galhofas,
Jantares e merendas são o fruto
Da reloucada teima de fidalga,
Com que tua mulher sagaz te enlouxa,

Ou te embrulha na rede, em que pernecias:
Compaixão, grande compaixão me deves.
Partidas! Assembleias! Que mania!

BRAZ

E chamas tu mania, Gil Fustote,
O viver, como vive a gente séria
Hoje em Lisboa? Grandes e pequenos,
Todos querem gozar das sãs delicias,
Do suave prazer da companhia.

GIL

Sem esses bons prazeres e delicias
Nossos avós e nossos paes viveram
Fartos, alegres, ricos e contentes.

BRAZ

Ora já que traziam retorcidos
Os grizalhos bigodes; estirada
A esqualida guedelha; no pescoço
Crespas golilhas; gorra na cabeça;
As calças retalhadas e pantufos;
Não tragas tu casaca e cabelleira,
Nem ates com fivelas os sapatos.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes.
Não vês no frio hinverno ao tronco annoso
Cair-lhe as murchas cãs, e quando torna
A fresca primavera, verdejarem,
Cobertos de mil folhas, novos ramos?
Assim as modas são, assim os usos:
E devemos nós todos subjeitar-nos
A tão perpetuas leis da natureza.

GIL

Amigo, amigo, estás perdido, doudo...

BRAZ

Com os olhos abertos,

GIL

Não t'o invejo,
Nem quero governar a casa alheia.
Fica-te em paz com tuas assembleias:
Podes sem mim fazer a synagoga.

BRAZ

Caro Fustote, espera, que não posso...

GIL

Eu não canto, nem sou arreburrinho:
Pouco gosto de chá, menos de jogo:
Falta cá não farei. Adeus, amigo.

BRAZ

Espera, espera; podes divertir-te,
Ouvindo duas árias: temos doce,
E doce delicado, se quizeres.

GIL

Não caio n-esse anzol.

BRAZ

Meu Gil Fustote,
Espera, escuta...

GIL

Dize, que mais queres?

BRAZ

Eu queria pedir-te algum dinheiro,
Porque 'stou sem real: olha em que dia!

GIL

Pois a perpetua lei da natureza,
Que murcha as folhas, e que traz partidas,
Não dá tambem dinheiro para o gasto?

BRAZ

Amigo Gil Fustote, eu pouco peço.
Da-me, sequer, seis mil e quatro centos.

Acode-me; e conforme o nosso ajuste,
Septe e duzentos lançarás na conta.

GIL

Seis mil e quatro centos! Quem m'os dera!
Não me pagam tão bem os meus foreiros;
E a divida vae já de foz em fóra.

BRAZ

Oito mil réis porás.

GIL

Isso é perder-te.

BRAZ

Qual perder-me.

GIL

Amigo, eu não podia;
Mas vejo o grande aperto... Toma... escuta:
Eu chamo a Deus dos céus por testimunha,
Sem juro te levar, sem interesse,
De tão forçosa vexação remir-te;
E que o pouco, que mandas que accrescente
Á nossa conta, é dado, e não por força;
Sim de livre vontade. Adeus, amigo,
Que vou vestir-me, e logo torno. *(Vai-se).*

. . . .
. . . .

Garção.

GENERO DIDACTICO

O PASSEIO

Annos ha que, deixando a amena Cynthra,
N-uma alfana que o ebano mais negra,
Por aqui demandava a grata Oeiras.
Era noite; e de estrellas circumdada
Em seu pleno fulgor no argenteo carro
Pelos céus, pela terra derramava
Deleitoso clarão a irmã de Phebo.
Tão bella, estiva noite, eu não vi nunca!...
Com suave susurro amigos sylphos
Dos vizinhos pomares me traziam
D'alva flôr de laranja o grato aroma.
Um solemne silencio me cercava,
Que apenas, longe em longe, interrompia
Das rãs, ou rouco ralo, o ruim ruido
Em proximo rebalso, ou voz do mocho,
A quem sobresaltei! movia apenas
Sôpro d'alma frescura as folhas tremulas!...
Caíndo n-um suave devaneio
O espirito arrobado, abandonava
Do palafrem no collo as bambas redeas,
Que a seu fôl'go marchava ao passo lento!...
Ao claro firmamento erguia os olhos,
E com a vista curiosa procurava
Esses festões de lucidas estrellas,
Constellações do astronomo chamadas,

E onde da Grecia imaginosos vates
Semideuses, heroes, bellas fingiam,
Que endeusou virtude, ou formosura!
Andromeda, Cepheu, Cassiopea,
De Leda e Jove os bem unidos filhos,
O luzente Orion co'a espada erguida,
A ternissima Ariadna, e a que não deixam
Refrescar no oceano eburneo corpo
Da irada Juno os invidos ciumes.
De Berenice a fulgida madeixa,
De Typhis o baixel, de Orpheu a lyra,
«Porque causa (dizia) os nossos sabios
«Tão ingenhosa idea não imitam?
«Cada luso, nos ceus fitando a vista,
«Em luminosos caracteres lera
«Da sua patria a historia, e lá veria
«Vertendo os seus heroes clarão propicio.
«Lá fulgurara do primeiro Affonso
«A vencedora espada! Aqui de Nuno
«Inda a lança ameaçara o fofo hispano.
«Profusa luz mais longe derramara
«A veneranda barba do bom Castro,
«De que só tres cabellos abonaram,
«Precioso penhor, somma grandiosa!
«Cá fulgira Isabel, mãe de indigentes;
«Ignez, tão infeliz, quanto formosa.
«A balança brilhara em mãos de Pedro,
«Que sempre a da justiça equilibrara.
«Argos seria a nau do ousado Gama,
«E fôra a de Camões de Orpheu a lyra.
«No nemeo leão quem recusara
«Achar o emblema de João primeiro,
«O rei mais popular da lusa terra,

«Que a soube defender, livrar de escrava?
«Representara o touro aos nossos olhos
«O brasão de Diniz, que honrou o arado,
«E de rei lavrador prezava o nome.
«A serpente, que entona e collo altivo,
«E com a lingua de fogo aterra as Ursas
«Fôra a do fanatismo e da impostura,
«Que o sublime José calcou brioso,
«E do Tejo arrojou ao Tibre escravo!
«Eterna nos seus lodos se revolva,
«Nem torne a inficionar de Lysia os campos.»

J. M. da Costa e Silva, cant. I, 6.

SATYRA

SOBRE A IMITAÇÃO DOS ANTIGOS

Não posso, amavel conde, subjeitar-me
A que ás cegas se imitem os antigos;
Quero dizer, aquelles portuguezes,
A que hoje chamamos *quinhentistas*.
O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes
Foram grandes poetas: qualquer d'elles
Foi discreto, e foi sabio; em fim as musas
Lhe embalaram o berço, e lhe cobriram
Com murta e com loureiro a sepultura;
Mas nem por isso os pobres escaparam
Á culpa original: têm suas faltas,

Têm seus altos e baixos, têm sedeiros,
Onde dá c'os focinhos um pedante,
Que, vá por onde fôr, ha de seguil-os,
Que ha de furtar-lhes tudo quanto dizem;
E seja bom, ou mau, isso que importa?
O ponto está que o diga algum d'aquelles,
Que Craesbeeck imprimiu: ha maior teima?!
As graças são muchachas, são risonhas,
São faceis, são suaves: elles querem
Á força pôr-lhes brancas e bigodes,
E não lh'os sabem pôr: que é o que eu digo?
Imitam o peior; mas não imitam
Os versos mais canoros e correntes,
A sisuda dicção, a phrase pura;
Aquelle attico sal, que não conhece
Quem nunca viu o portico de Athenas,
Sequer em caixas opticas pintado;
Isto é, Anacreonte traduzido,
Aristophanes, Sophocles, e Sapho:
Sem que fique de fóra o bom Homero,
E outros, em quem poder não teve a morte.
Para imitares tu, senhor, os feitos
De teus claros maiores necessitas
De calças e gibão? Se hoje saísses
Com jaqueta e golilha, quem seria
Tão serio e tão sisudo, que podesse
Conter o riso? Nada te valera
Responder-lhe gritando, «que imitavas
Os distinctos avós, que dos Noronhas
A prosapia exaltaram generosa
Nos seculos passados.» Todos sabem
Que o valor não consiste nos vestidos,
Antes seguem as modas. A virtude

Assiste com socego inalteravel
Nos grandes corações. Ora esta regra
Corre a nivel da altura do Parnaso.
Imite-se a pureza dos antigos,
Mas sem escravidão, com gosto livre,
Com polida dicção, com phrase nova,
Que a fez, ou adoptou a nossa edade.
Ao tempo estão subjeitas as palavras;
Umas se fazem velhas, outras nascem:
Assim vemos a fertil primavera
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despiu o hinverno desabrido.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes!
Camões dizia *imigo,* eu *inimigo;*
O ponto está que ambos expliquemos
Aquillo que pensamos. A energia
Do discurso e da phrase não consiste
No feitio das vozes, mas na fôrça:
Salvo, conforme aos garrulos trovistas,
Que não te chamam justo, sem chamar-te
Ou *robusto,* ou *augusto:* inda que sabio
Detestas a lisonja. O raro Apelles,
Rubens e Raphael inimitaveis
Não se fizeram pela côr das tinctas;
A mistura elegante os fez eternos.
Quem não percebe bem este segredo,
Cuida que em dizer *mor* tem dicto tudo:
Que muito, se não ha discernimento,
E reina a affectação! Vejo pedantes,
Trepados em cadeiras, descompondo
Os mais honrados cidadãos de Athenas,
Sem razão, nem vergonha; e vejo gente
Prudente e sabia embasbacar nos gestos

Do mono petulante! Muito póde
A opinião, a teima, ou o capricho!
E o pedantismo póde mais que tudo,
Pois arrasta a razão, piza a verdade;
E em sabendo servir-se da lisonja,
Voa por esses ares, sóbe ao cume
Onde a vaidosa ideia ergueu o templo
Da phantastica fama. Alli se abraça
A suberba e a vaidade co'a priguiça:
Vive a ignorancia alli, d'alli pretende
Dictar as leis ao mundo. Mas que digo?
Que furor atrevido me arrebata?
Que demonio me inspira allegorias
Sem permissão do tribunal censorio
Dos criticos modernos? Não é moda
Um estro nobre; tudo está mudado:
Ha pragmatica nova, estreitas regras,
Que obriga a jejuarmos poesia
Tão longa quarentena; e não me espanta
Ver poetas mirrados, se a abstinencia
Das clausuras fugiu para o Parnaso.
Os nobres portuguezes, christãos velhos,
Acaso são gentios, como foram
Pindaro, Homero, Sophocles, Virgilio,
Para inventarem cousas inauditas?
Fabulas novas? Bastam as pinturas
De quatro bagatellas: uma fonte,
Um bosque, um rio, um campo, um arvoredo,
Um rebanho de cabras, dois pastores
Com cajado e surrão: uma pastora,
Que se está vendo n-agua: ha melhor cousa?
Quem póde fazer mais? Que nos importa
Que o verso seja frouxo ou desloucado,

Sem grammatica a phrase, sem pureza,
E sem graça a dicção; ou em fim tudo
Sem connexão, sem ordem, sem juizo?
O caso está que lembrem as pedrinhas
Lá no fundo do rio, sem que esqueça
A gaita do pastor, nem os abraços
Da simples pastorinha; e que as palavras
Sejam humildes, velhas e caducas,
Sequer de quando em quando. Ah! senhor conde?
Se isto é ser bom poeta, bom poeta
Eu prometto ser em pouco tempo.
Mas tu, senhor, bem sabes quanto custa
Ser fidalgo da casa do deus louro:
Não se compra a dispensa com dinheiro,
Nem val o ter o pae no desembargo;
Mas é preciso grande genio, longo
E escolhido estudo; ouvir a todos,
Seguir a poucos; conversar c'os mortos,
Quero dizer, c'os livros todo o dia,
E toda a noite: alli se faça branco
O cabello, que foi ou preto, ou louro.

GARÇÃO.

EPISTOLA

SOBRE OS PRAZERES INNOCENTES DA VIDA

A pompa e a escravidão á corte deixa,
E aos philosophos vãos, que se debatem,
Sua louca ignominia e seu orgulho:

Deixa ao avaro o ouro, que amontoa.
Que ha de largar á borda do sepulcro.
Deixa aos homens crueis o vil cuidado
De inganar a innocencia: deixa tudo,
Ó meu Nogueira! ó honra da amizade!
Se claro ves o que é o mundo, busca
N-elle ao menos viver, fiando pouco
De quanto te appresenta: poucos dias
Ja nos restam da vida incerta e fragil,
Que longas esperanças nos defende:
Cuidemos de passar alguns ainda,
Em quanto duram, em prazer honesto.
Amigo, o são prazer sómente vive
No seio de uma casa sem tumulto,
Sem requerente, sem crédor á porta;
Sem mor cuidado do futuro incerto,
Que poucas provisões da vida pede:
Vive no tracto dos fieis amigos,
Nas prácticas suaves, que entretenham
Nosso avido sp'rito em ledas horas;
Na lição de bons livros, bons poetas;
Nas chronicas, que os grandes feitos guardam
Que as varias scenas d'esse antigo mundo,
Melhor do que este nosso, nos amostram:
Vive o prazer tambem no honesto jogo,
Limpo de int'resse, de mil graças rico;
No passeio por sitios deleitosos,
Livres de gentes; por um campo ameno,
Onde te assentes, como quer que apraza,
Ou sobre um alto outeiro, d'onde vejas
Vergeis e prados, d'onde o mar descubras;
Ou já sob a copada faia, ou olmo,
D'onde te cantem aves sonorosas

Cantigas naturaes de seus amores:
Vive na fresca veiga matizada
De boninas gentis, de belvederes,
Juncto á matriz da resonante lympha,
Que excita leves somnos saborosos;
Sob o docel das parras, d'onde extende
O roxo Baccho os pampanos frondentes:
N-uma mesa, não parca, não sobeja,
Mas simples e frugal, singela e limpa,
De só dois convidados rodeada,
Que te brindem a ti, a quem tu brindes
Com sobria taça do licor divino,
Que esforça o coração, remoça a vida:
Vive a par do fogão no frio hinverno,
Que os tremedores gelos afugente:
Entre os zephiros vive, que bafejam
Frescor das azas no calmoso estio:
Pousa no molle somno em brando leito,
Onde não chegam pallidos terrores;
Em fortuna meã, que não se inveje,
Que te dê quanto baste á vida breve,
Sem fausto, mas sem mingua, e sem cuidados.
Se isto tiveres, és um deus na terra;
Eu desejo estes bens, e t'os desejo.

A. R. dos Santos (*Elpino Duriense*).

GENERO ELEGIACO

ELEGIA

É todo o mundo um carcere, em que a morte
Os miseros viventes guarda, encerra,
Para n-elles cumprir-se a lei da sorte:
Ou baça infermidade, ou torva guerra
Vão co'as ferinas garras pavorosas
Tornando pouco a pouco um ermo a terra:
De dia em dia as lagrymas saudosas
De afflictos corações estão regando
Marmoreas campas, urnas luctuosas:
Males e males, em terrivel bando,
Vagam por toda a face do universo,
Peste, veneno, horrores derramando:
Cái o eximio varão como o perverso;
A morte pelo effeito os dois eguala;
O modo, com que os fere, é que é diverso.
Áquelle a voz de um Deus dos ceus lhe fala,
O remorso, de crimes carregado,
A este o coração golpeia e rala:
Da chamma divinal afogueado
Um, cravando no empyreo os olhos ternos,
Ergue de almo futuro o veu dourado:
Outro, mordido de aspides internos,
Se entranha em feio abysmo, e vê que passa
De mal finito a males sempiternos.
A mão, que as frageis vidas desenlaça,

Ao pio é pois suave, ao impio dura;
Traz o flagello a um, ao outro a graça.
  Que importa que na terrea sepultura
Baqueie o corpo, a victima do nada,
Se triumpha nos ceus uma alma pura?
  Se na radiante olympica morada
C'o fulgor, que do Eterno reverbera,
Como o sol resplandece illuminada!
  Vê negrejar ao longe a tenue esphera,
Onde o cego mortal vagueia ufano,
Nota quando differe o que é, e o que era:
  Por entre a cerração do antigo ingano
Contempla como nutre, e como ceva
Vão tropel de illusões o orgulho humano:
  Como o barro servil se abstrahe, se eleva,
Como a hallucinação, como a loucura
Lhe abafa o pensamento em densa treva;
  Como o bem, como a paz, como a ventura
No mundo não são mais que um fatuo lume,
Que doura mal o horror da vida escura.
  Graças, graças ao bom propicio nume,
Que alisa, com a dextra omnipotente,
Á fouce matadora o ferreo gume.
  Dos ceus, ó morte, és dadiva eminente,
És precioso balsamo divino,
Que cerra as chagas do infeliz vivente.
  Morte, se padecer é seu destino,
Se o torna a febre ardente, a dor aguda
Sem alento, sem voz, sem luz, sem tino;
  Se um salutar bafejo lhe não muda
Em manso allivio tão penoso estado,
Dita não é que tua mão lhe acuda?
  É sim: pela afflicção desacordado,

Ía affrontar teu nome em meu lamento,
Ó mimo celestial! ó dom sagrado!
   Sumido na tristeza o pensamento,
Teus favores, teus bens desconhecia,
Fonte de perennal contentamento;
   Estrada, que a virtude aos astros guia,
Guia ao reino immortal, ditoso e puro,
Onde nunca interrompe a noite ao dia;
   Chave e porta do incognito futuro,
Doce amiga fiel, que nos franqueias
Dos céus lustrosos o invisivel muro:
   Já voou meu terror, já não me anceias;
Em risonhas ideias se trocaram
Carrancudas visões, imagens feias:
   Razão, verdade, a mente me aclararam,
E de teus mil phantasticos horrores
A medonha apparencia em mim douraram:
   Ah! verta o meu pincel vistosas côres,
Que adocem, que mitiguem da saudade
O terno pranto, os fervidos clamores.
   Ouço gemer a filial piedade,
Ferem meu peito os echos da tristeza,
Ingenuas expressões da humanidade.
   Deixemos suspirar a natureza,
E os estoicos, ou barbaros, embora
Se paguem de uma apathica dureza.
   Labeu da especie humana é quem não chora:
Por leões devorado em selva escura,
Aprenda a conhecer a dôr, que ignora.
   Solta-te em ais, dulcissima ternura;
De um virtuoso pae, tu, prole amante,
Deves banhar-lhe em pranto a sepultura:
   Mas não seja a paixão tão dominante,

Que insulte a sacra mão, que já da terra
O attrahiu luminoso e triumphante.
  Se o mundo é campo de contínua guerra,
E os céus habitação de paz serena,
Mingue o dissabor, que em vós se encerra;
  A força da razão subjeite a pena;
Na vontade de um Deus consiste o fado:
Louvem-se o mal e o bem, que o fado ordena.
  O semblante caído e consternado
Erguei da terra, erguei, filhos saudosos
De um respeitavel pae, amante e amado.
  Recordae seus dictames proveitosos,
A mão, que vos guiou para a virtude,
Sem temer-lhe os caminhos espinhosos.
  Em vez de pompa vã, que attrahe, que illude
Inchados corações, e enfeita a morte
Na cega opinião do povo rude,
  Um ardor firme, um avido transporte
De alcançar o que os sabios chamam gloria,
E que é no mar da vida o fixo norte:
  Honrem as cinzas, honrem a memoria
D'esse, que do mundano atroz conflicto
No céu desfructa singular victoria.
  Isto exige de vós, e n-alma escripto
Sempre deveis trazer o insigne exemplo,
Que honrosa obrigação vos tem prescripto.
  Com os olhos em vós do ethereo templo
A causa da afflicção, que vos devora,
Como que, absorto em extasis, contemplo;
  Como que ao Ente excelso, ao Deus, que adora,
Ao senhor mais que os seculos antigo
Amplos favores para vós implora.
  Ó tu, meu bemfeitor! meu caro amigo!

Que contra o desprazer no affavel seio
D'alta philosophia achaste abrigo;
   De um grato coração de mágua cheio
Acolhe o terno, o candido tributo,
Que a musa, gloria minha e meu recreio,
Te offrece involta no funereo lucto.

BOCAGE.

EPICEDIO

Comigo falas; eu te escuto; eu vejo,
Quanto, a pezar de meu lethargo e pejo,
Me intentas persuadir, ó sombra muda;
Que tudo ignora, quem te não estuda.
Ha poucas horas, que um activo alento
Te dirigia o ardente movimento;
E em breve instante, oh dôr! em breve instante
Se torna em lucto o resplendor brilhante.
Arrebatado em vão te solicíto
Por qualquer parte, que se extenda o grito;
E aos echos, ao clamor, que aos troncos passa,
(Funestissimo aviso da desgraça)
Apenas fala, apenas me responde
O desingano, que esta penha esconde.
   Mas como em te encontrar minha ancia tarda,
Se só este penhasco é quem te guarda!
Elle a saudade tua recommenda;
Elle me escute pois, elle me attenda
Marmore bruto, que em teu seio encobres
Triste despojo de reliquias pobres,

Eu me chego a escutar-te, a ouvir-te venho:
Talvez de tanto ardor no heroico empenho,
Ao credito maior esta alma aspira.
Se, enlaçado nas redes da mentira,
Amei té agora o meu profundo somno,
De tanto annuncio ao peregrino abono,
Eu quero despertar: volta a falar-me,
Ó dura penha: eu quero aconselhar-me
Comtigo mesmo. Que lições prudentes
Hoje me estás dictando! oh que eloquentes
Falam as sombras, os horrores falam,
Quando os alentos, quando as vozes calam!
 Dentro sepultas d'esse cofre infausto
De Aonio o resplendor, o lustre, o fausto.
Debaixo jaz d'essa fatal dureza
Aquelle activo empenho, que a destreza
De Minerva poliu; o que esgottara
D'alta jurisprudencia a luz mais rara.
Aqui sepultas, ó penhasco duro,
(Tudo te digo) aquelle amigo puro,
Que, ausente de minha alma, hoje me ordena
A companhia só da minha pena.
 No teu silencio encontro o desingano
Do caduco esplendor do alento humano.
Tu me dizes, quão pouco ao mundo importa
Esta cançada vida, que supporta
Das fadigas o peso intoleravel,
Venturoso baixel em golfo instavel
Me finges, me figuras; brando o vento
Ordenava a carreira; solto o alento
Das velas, respirava a nau segura;
Tranquillo o mar com prospera brandura
Sustentava o seu peso; no accidente

De ingrata tempestade, de repente
Se escandaliza o céu; o mar se altera;
Rompem-se as velas; pela crespa esphera
Vaga perplexo o lenho; absorto vaga;
Já perde o rumo, e infeliz naufraga.
E que se espera entre a fatal ruina?
Que mais se espera? se da luz benigna
Se desperdiça o breve auxilio, ao menos
Em quanto a nós os zephyros serenos
Nos influem propicios, indeciso
Não vacille o discurso; o obsequio, o riso
D'este misero golfo se aproveite,
Abominando os vicios, e o deleite
De tanto ardor profano: a razão venha;
E vendo que no abysmo se despenha,
De seus mesmos horrores triumphante,
Sobre tanto desmaio o ardor constante
Da antiga Babylonia, que se estraga,
Novos alentos das ruinas traga.
Tudo, ó bruto penhasco, me insinua
O teu mesmo silencio, a sombra tua.
E pois te encontro agora tão propicio,
Só te quero rogar o beneficio
De que ao triste cadaver algum'hora
A ancia ardente, com que esta alma o chora,
Por ultimo favor lhe communiques.
Peço-te que de todo o certifiques
Do muito que o lastimo; e se ha piedade
Na extranha região, chegue a saudade
Que te consagro, ó extremoso amigo,
Sempre a viver, sempre a morrer comtigo.

Claudio Manuel da Costa (*Lauceste Saturnino*).

GENERO LYRICO

HYMNO

Nas horas do silencio — á meia noite —
Eu louvarei o Eterno!
Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,
E os abysmos do inferno.
Pela amplidão dos ceus meus cantos soem,
E a luz prateada
Páre no gyro seu, emquanto pulso
Esta harpa a Deus sagrada,

Antes de tempo haver, quando o infinito
Medía a eternidade,
E só do vacuo as solidões enchia
De Deus a immensidade,
Elle existia em sua essencia envolto,
E fóra d'Elle o nada:
No seio do Creador a vida do homem
Estava ainda guardada:
Ainda então do mundo os fundamentos
Na mente se escondiam
De Jehovah, e os astros fulgurantes
Nos ceus não se volviam.
Eis o tempo, o universo, o movimento,
Das mãos solta o Senhor:
Surge o sol, banha a terra, e desabrocha
Uma primeira flôr:

Sobre o invisivel eixo range o globo:
O vento o bosque ondeia;
Retumba ao longe o mar: da vida a força
A natureza anceia!

Quem, dignamente, oh Deus, ha de louvar-te,
Ou cantar teu poder?
Quem dirá do teu braço as maravilhas,
Fonte de todo o ser,
No dia da creação, quando os thesouros
Da neve amontoaste:
Quando da terra nos mais fundos valles
As aguas encerraste?!

E eu onde estava, quando o Eterno os mundos,
Com dextra poderosa,
Fez, por lei immutavel, se librassem
Na mole ponderosa?
Onde existia então? No typo immenso
Das gerações futuras;
Na mente do meu Deus. Louvor a Elle
Na terra e nas alturas!

Oh quanto é grande o Rei das tempestades,
Do raio e do trovão!
Quão grande o Deus, que manda, em sêcco estio,
Da tarde a viração!
Por sua Providencia nunca, embalde,
Zumbiu minimo insecto;
Nem volveu o elephante, em campo esteril,
Os olhos inquieto.
Não deu Elle á avesinha o grão da espiga,
Que o ceifador esquece;

Do norte ao urso o sol da primavera,
Que o reanima e aquece?
Não deu Elle á gazella amplos desertos,
Ao cervo o bosque ameno,
Ao flamingo os paúes, ao tigre um antro,
No prado ao touro o feno?
Não mandou Elle ao mundo, em lucto e trevas,
Consolação e luz?
Acaso, em vão, algum desventurado
Curvou-se aos pés da Cruz?
A quem não ouve Deus? sómente ao impio,
No dia da afflicção,
Quando peza sobre elle, por seus crimes,
Do crime a punição.

Homem, ente immortal, que és tu perante
A face do Senhor?
És a junça do brejo, harpa quebrada
Nas mãos do trovador!
Olha o velho pinheiro, campeando
Dos Alpes entre a neve:
Quem arranca-lo do seu throno ousara,
Quem destruir-lhe a seve?
Ninguem! Mas ai do abeto, se o seu dia
Extremo Deus mandou!
Lá correu o Aquilão: fundas raizes
Aos ares lhe assoprou.
Suberbo, sem temor, saíu na margem
Do caudaloso Nilo,
O corpo monstruoso ao sol voltando,
Medonho crocodilo.
De seus dentes em roda o susto mora:
Vê-se a morte assentada

Dentro em sua garganta, se descerra
A bocca affogueada:
Qual duro arnez de intrepido guerreiro
É seu dorso escamoso;
Como os ultimos ais de um moribundo
Seu grito lamentoso:
Fumo e fogo respira quando irado:
Porém, se Deus mandou,
Qual do norte impellida a nuvem passa,
Assim elle passou!

Teu nome ousei cantar! — Perdôa, oh Nume;
Perdôa ao teu cantor!
Dignos de ti não são meus frouxos hymnos,
Mas são hymnos de amor!
Embora vis hypocritas te pintem
Qual barbaro tyranno;
Mentem, por dominar, com ferreo sceptro,
O vulgo cego e insano.
Quem os crê é um impio! Receiar-te
É mal dizer-te, oh Deus:
É o throno dos despotas da terra
Ir collocar nos céus.
Eu, por mim, passarei entre os abrolhos
Dos males da existencia
Tranquillo, e sem terror, á sombra posto
Da tua Providencia.

A. Herculano.

ODE PINDARICA

A D. João de Castro

ESTROPHE I

Quando o discurso humano
Se põe da natureza
A medir a fraqueza,
Pasma, esmorece, e perde a confiança:
Mas, se do Eterno o braço soberano
Em seu desmaio a contemplar se avança,
Vê de entorno brotar alta esperança,
E, qual o Sião monte,
Seguro entre as procellas alça a-fronte.

ANTISTROPHE I

De feroz turba ingente
Horrendamente armada,
Thema infeliz cercada
Via o grão Machabeo, e tambem via
A pouca de Judá e inerme gente:
Mas o forte varão, que em Deus confia,
Contra o syrio feroz ousado a guia;
Fere a cruel batalha,
E qual pó o desfaz que o vento espalha.

EPODO I

Subito de ruinas se cobriram
Os campos dilatados;
Cavallos, cavalleiros jarretados
De sangue em largo rio

Morrendo com furor se revolviam:
E quaes no ardente estio
Em torno cáem de segador nervoso
Aos centos as espigas,
As hastas inimigas
Ao lado cáem do capitão glorioso.

ESTROPHE II

Em tanto triumphante
Exultando a Judêa,
Das palmas de Idumêa,
Quebrado o jugo, ao campeão tecia
Diadema mais que os astros scintillante:
Seu valor, sua fé, sua ousadia
De cem harpas ao som ao Ceu subia:
Mas Judas da victoria
Ao Senhor das batalhas dava a gloria.

ANTISTROPHE II

Oh de Israel afflicto
Firme columna e muro!
Se em meus hymnos procuro
Mostrar como, brandindo a morte lança
Á Syria já terror foste infinito,
É só pela formosa similhança
Que descobre entre ti hoje a lembrança,
E o triumphante Castro,
De immensa luz em Lysia immortal astro.

EPODO II

Roto em cem partes o famoso muro
Que soberbo a cingia
Qual viuva miserrima se via

A majestosa Diu:
Tincta de dó e envolta em manto escuro,
Cobrando novo brio
Em seu estrago o Mouro que a cercava,
Com cem canhões e minas
Lhe dobrava as ruinas,
E quasi o feroz collo lhe pisava.

ESTROPHE III

Quando brandindo a lança,
Em seu favor ligeiro,
Corre o feroz guerreiro
De poucas tropas na galharda frente:
Já de seu seio sáe, e tal se avança
Dos Mouros a ferir na hoste ingente,
Qual cercado leão na Lybia ardente
Que sacudindo a juba,
Por dardos rompe e o caçador derruba.

ANTISTROPHE III

No terrivel conflicto
Brandia o varão forte
A cada passo a morte,
Que quanto encontra despedaça e estraga.
E qual então lançou medonho grito
O Mouro, que em seu sangue a terra alaga!
Sem côr o rosto pelo campo vaga,
E blasphemando morre
Aos pés de Castro que triumphante corre.

EPODO III

Prosegue, lyra, e as azas veloz bate
De Salsette á campina,

Onde o braço feroz prostra e fulmina
O barbaro ardimento
Em novo, sanguinoso e atroz combate.
Quaes no salobre argento
Os mares uns sobre os outros se encapellam,
Quando Euro procelloso
Roncando cáe furioso,
Taes ou Mouros fugindo se atropellam.

ESTROPHE IV

De immenso povo armada,
Eis de Baroche á praia
Desce feroz Cambaia;
Sangue estilando ante ella pavoroso,
Por cem canhões de bronze Marte brada;
Mas brada em vão, que o capitão famoso
Os lenhos deixa, e o braço portentoso,
Qual de Medusa a frente,
Immovel deixa a innumeravel gente.

ANTISTROPHE IV

Eu que de branca pluma,
Novo cysne do Tejo,
Cubrir todo me vejo,
Ás azas bato, vôo ao firmamento,
Sem temor de dar nome á salsa escuma,
Prendendo as azas do ligeiro vento,
Bem podia cantar em alto accento
Como o guerreiro invicto
A cinzas reduziu Dabul afflicto.

EPODO IV

Como feroz Pondá cruel combate:

Como de Antheu na terra
O genio ensaia para a dura guerra:
Como troando ardente
Por terra derrubou Patane e Pate:
Como no golpho ingente,
Estragos semeando a forte espada,
Enche o Hidalcão de espanto...
Porém se é longo o canto
Nem sempre ao côro do Parnaso agrada.

A. Diniz da Cruz e Silva.

ODE EPODICA

Feliz aquelle, que os ouvidos cerra
A malvados conselhos
E não caminha pela estrada iniqua
Do peccador infame,
Nem se encosta orgulhoso na cadeira
Pelo vicio empestada;
Mas, na lei do Senhor fitando os olhos,
A revolve e medita
Na tenebrosa noite e claro dia,
A fortuna e a desgraça,
Tudo parece ao seu sabor moldar-se:
Elle é qual tenro arbusto,
Plantado á margem de um ribeiro ameno,
Que de virentes folhas
A erguida frente bem depressa ornando,
Na sazão opportuna,

De fructos curva os succulentos ramos.
Não sois assim, ó impios!
Mas qual o leve pó, que o vento assopra,
Aos ares alevanta,
E abate e espalha e com furor dissipa:
Por isso vos espera
O dia da vingança; e o frio sangue
Vos coalhará de susto;
Nem surgireis de glorias revestidos,
Na assembleia dos justos.
O Senhor da virtude é firme esteio:
Em quanto o impio corre,
De horrisonas procellas combatido,
A naufragar sem tino.

A. P. DE SOUSA CALDAS.

ODE SAPHICA

A Horacio

De grande nome barbaro desejo,
Se o rico templo da triforme Deusa
A poucas cinzas reduzindo, espera
Impia memoria;
É menos torpe, menos detestavel,
Tão feio crime que imitar Horacio
Quem triste fama não quer dar ás aguas
Co'o precipicio.
Ora sereno, como o Sol dourado,

De alegres côres todo o mundo cobre,
Quando a cabeça de mil raios ergue
Detrás da serra.
Mas outras vezes rapido parece
Aquilão thracio, que nos Ceus batendo
As negras azas, terra e mar envolve
Espessa chuva.
Sempre sublime no Parnaso colhe
O digno louro, que lhe adorna a testa,
Immenso genio com ditosos vôos
Pindaro alcança.
Ou cante a fresca nova primavera
Dos grossos freixos sacudindo o gêlo,
Serena a Lua, as Graças vêm dançando
Com Cytherea,
Em quanto ardendo na arida officina
Ao sibilante fuzilar da forja
Mostram os sujos amarellos rostos
Os rijos Brontes.
Ou já crimine da civil discordia
As mãos vermelhas com latino sangue,
Cala-se o povo, pallida tristeza
Muda os aspectos.
Ou branco cysne livre já da Esthygia,
Sinta nascer-lhe rude pêllo, sinta
Já, já nos dedos, sinta já nos hombros
Candidas pennas.
Sobre as cidades vôa, já descobre
Do tormentoso Bosphoro bramindo
Parthos e Scythas, hyperborios campos,
Libicas Syrtes.
Ou já de Augusto mostra o valor nobre
Lavar de Crasso a vergonhosa infamia,

Que o Vestal fogo, Roma, Capitolio,
Tinha esquecido.
«Eu vi inteiros nossos estandartes,
As armas limpas, centuriões romanos
Co'as mãos atadas, Regulo dizia,
Vi em Carthago.»
Oh! grande Horacio, sempre grande e forte
Sempre sublime, rapido te eleva:
A nossos olhos subito se esconde
Entre as estrellas.

P. A. C. Garção.

ODE ANECREONTICA

A BORBOLETA

I

Veloz Borboleta,
Que, leda gyrando,
Penosas ideias
Me estás avivando:

Insecto mimoso,
Aos olhos tão grato,
Da minha tyranna
Tu és o retrato:

A graça, que ostentas
Nas plumas brilhantes,
Tem ella nos olhos
Gentís, penetrantes;

••

Tu andas brincando
De flôr para flôr,
Anarda vagueia
D'amor em amor.

II

Os teus prisioneiros,
Cupido, os que devem
Saber definir-te
Que mal te descrevem!

És aspide (affirmam)
Coberto de flôres,
Sedento de estragos,
Amigo de horrores:

Sustentam carpindo
Que os feres e enlêas
Com aureos virotes,
Com ferreas cadêas:

Enganam-se, oh nume!
Teus laços, teus tiros
São longas madeixas,
São ternos suspiros.
. . . .

BOCAGE.

CANÇÃO

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar não param:
Por onde as minhas maguas,
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começaram.
Alli se me mostraram
N-este logar ameno,
Em que ainda agora mouro,
Testa de neve e de ouro,
Riso brando e suave, olhar sereno:
Um gesto delicado,
Que sempre n'alma me estará pintado.
N-esta florida terra,
Leda, fresca, e serena,
Ledo e contente para mim vivia
Em paz com minha guerra,
Glorioso co'a pena,
Que de tão bellos olhos procedia.
De um dia em outro dia
O esperar me inganava.
Tempo longo passei:
Com a vida folguei,
Só porque em bem tamanho se empregava.
Mas que me presta já,
Que tão formosos olhos não os ha?
Oh quem me alli dissera,
Que de amor tão profundo
O fim podesse vêr em algum'hora!

E quem cuidar podera,
Que houvesse aí no mundo
Apartar-me eu de vós, minha senhora!
Para que desde agora,
Já perdida a esperança,
Visse o vão pensamento
Desfeito em um momento,
Sem me poder ficar mais que a lembrança,
Que sempre estará firme
Até no derradeiro despedir-me.
Mas a mor alegria,
Que d'aqui levar posso,
E com que defender-me triste espero,
É que nunca sentia,
No tempo que fui vosso,
Quererdes-me vós quanto vos eu quero,
Porque o tormento fero
De vosso apartamento,
Não vos dará tal pena,
Como a que me condemna,
Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que a minha alma sente.
Morra eu, senhora, e vós ficae contente.
Tu, canção, estarás
Agora acompanhando,
Por estes campos, estas claras aguas;
E por mi ficarás
Com chôro suspirando;
Porque ao mundo dizendo tantas máguas,
Como uma larga historia,
Minhas lagrymas fiquem por memoria.

Camões.

CANTATA

Longe do caro esposo Ignez formosa,
Na margem do Mondego,
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto:
Os melindrosos candidos penhores
Do thalamo furtivo,
Os filhinhos gentis, imagem d'ella,
No regaço da mãe serenos gozam
O somno da innocencia.
Choro subtil de aligeros favonios,
Que os ares embrandece,
Ora enlevado afaga
Com as plumas azues o par mimoso,
Ora solto, inquieto
Em leda travessura, em doce brinco,
Pela amante saudosa,
Pelos tenros meninos se reparte;
E com tenue murmurio vai prender-se
Das aureas tranças nos anneis brilhantes.
Primavera louçã, quadra macia
Da ternura e das flôres,
Que á bella natureza o seio esmaltas,
Que no prazer de amor ao mundo apuras
O prazer da existencia,
Tu de Ignez lacrymosa
As máguas não distrahes com teus incantos.
Debalde o rouxinol, cantor de amores,
Nos versos naturaes os sons varía;
O limpido Mondego em vão serpeia,

C'um benigno susurro, entre boninas
De lustroso matiz, almo perfume;
Em vão se doura o sol de luz mais viva:
Os céus de mais pureza em vão se adornam
Por divertir-te, ó Castro!
Objectos de alegria amor enjôam,
Se amor é desgraçado.
A meiga voz dos zephyros, do rio
Não te convida o somno:
Só de já fatigada,
Na lucta de amargosos pensamentos,
Cerras, misera, os olhos;
Mas não ha para ti, para os amantes
Somno placido e mudo;
Não dorme a phantasia, amor não dorme:
Ou gratas illusões, ou negros sonhos
Assomando na idêa, espertam, rompem
O silencio da morte.
Ah! que fausta visão de Ignez se apossa!
Que scena, que espectaculo assombroso
A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!
Em marmoreo salão de altas columnas,
A solio magestoso e rutilante,
Juncto ao regio amador, se crê subida.
Graças de neve a purpura lhe involve;
Pende augusto docel do tecto de ouro:
Rico diadema de radioso esmalte
Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle;
Nos luzentos degraus do throno excelso
Pomposos cortezãos o orgulho acurvam;
A lisonja sagaz lhe adoça os labios;
O monstro da politica se aterra,
E se Ignez perseguia, Ignez adora.

Ella escuta os extremos,
Os vivas populares; vê o amante
Nos olhos estudar-lhe as leis que dicta;
O prazer a transporta, amor a incanta:
Premios, dadivas mil ao justo, ao sabio
Magnanima confere;
Rainha esquece o que soffreu vassalla:
De sublimes acções orna a grandeza;
Felicita os mortaes, do sceptro é digna;
Impera em corações... mas céus! que estrondo
O sonho incantador lhe desvanece!
Ignez sobresaltada
Desperta, e de repente aos olhos turvos
Da vistosa illusão lhe foge o quadro.
Ministros do furor, tres vís algozes,
De buidos punhaes a dextra armada,
Contra a bella infeliz bramindo avançam.
Ella grita, ella treme, ella descora;
Os fructos da ternura ao seio aperta,
Invocando a piedade, os céus, o amante;
Mas de marmore aos ais, de bronze ao pranto
Á suave attracção da formosura,
Vós, brutos assassinos,
No peito lhe enterrais os impios ferros.
Cái nas sombras da morte
A victima de amor, lavada em sangue;
As rosas, os jasmins da face amena
Para sempre desbotam.
Dos olhos se lhe some o doce lume,
E no fatal momento
Balbucia, arquejando: «esposo! esposo!»
Os tristes innocentes
Á triste mãe se abraçam.

E soltam de agonia inutil chôro.
Ao suspiro exhalado,
Final suspiro da formosa extincta,
Os amores acodem.
Mostra a prole de Ignez, e a tua, ó Venus,
Egual consternação e egual belleza:
Uns dos outros os candidos meninos
Só nas azas differem,
(Que jazem pelo campo em mil pedaços
Carcazes de marfim, virotes de ouro).
Subito voam dois do chôro alado:
Este raivoso, a demandar vingança
No tribunal de Jove;
Aquelle a conduzir o infausto annuncio
Ao descuidado amante.
Nas cem tubas da fama o grão desastre
Irá pelo universo;
Hão de chorar-te, Ignez, na Hircania os tigres,
No torrado sertão da Lybia fera
As serpes, os leões hão de chorar-te.
Do Mondego, que attonito recua,
Do sentido Mondego as alvas filhas
Em tropel doloroso
Das urnas de crystal eis vêm surgindo;
Eis attentas no horror do caso infando,
Terriveis maldições dos labios vibram
Aos monstros infernaes, que vão fugindo.
Já c'roam de cypreste a malfadada,
E, arrepellando as nitidas madeixas,
Lhe urdem saudosas lugubres endeixas.
Tu, echo, as decoraste,
E cortadas dos ais, assim resoam
Nos concavos penedos, que magoam:

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flôres:
Morrei, amores,
Que Ignez morreu.
Misero esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não é teu.
Sua alma pura
Nos céus se encerra:
Triste da terra,
Porque a perdeu!
Contra a cruenta
Raiva ferina
Face divina
Não lhe valeu.
Tem roto o seio,
Thesouro occulto,
Barbaro insulto
Se lhe atreveu.
De dôr e espanto,
No carro de ouro,
O numen louro
Desfalleceu.
Aves sinistras
Aqui piaram,
Lobos uivaram,
O chão tremeu.
Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores:
Morrei, amores,
Que Ignez morreu.

BOCAGE.

LYRA

Vou retratar a Marilia,
A Marilia, meus amores;
Porém como, se eu não vejo
Quem me empreste as finas côres?
Dar-m'as a terra não póde;
Não, que a sua côr mimosa
Vence o lirio, vence a rosa,
O jasmim e as outras flôres.

Ah soccorre, amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Voa sobre os astros, voa,
Traze-me as tinctas do céu.

Mas não se esmoreça logo;
Busquemos um pouco mais;
Nos mares talvez se encontrem
Côres que sejam eguaes:
Porém não, que em parellelo
Da minha nympha adorada,
Perolas não valem nada,
E nada valem coraes.

Ah soccorre, amor, etc.

Só no céu achar-se podem
Taes bellezas, como aquellas
Que Marilia tem nos olhos,
E que tem nas faces bellas;

Mas ás faces graciosas,
Aos negros olhos que matam,
Não imitam, não retratam
Nem auroras nem estrellas.

Ah soccorre, amor, etc.

Entremos, amor, entremos,
Entremos na mesma esphera;
Venha Pallas, venha Juno,
Venha a Deusa de Cythera.
Porém não, que se Marilia
No certame antigo entrasse,
Bem que a Paris não peitasse,
A todas as tres vencera.

Vae-te, amor; em vão soccorres
Ao mais grato empenho meu:
Para formar-lhe o retrato
Não bastam tinctas do céu.

Gonzaga.

DITHYRAMBO

Chovendo estragos Orion ensifero,
Investe o mundo pavido;
Reveis frementes vortices,
Procellas mil horisonas
Compõem seu bravo exercito.

Não longe o inverno revoltoso assoma,
Batendo as azas frígidas;
Rugem-lhe em roda tormentas rigidas,
E a porta-gelo emaranhada coma
Erriçam-lhe enraivados
Nordestes assanhados.
O brumal tempo agourando,
Dos Ripheus alcantilados,
Em confuso, vago bando
Vêm pintando
Rubros frios ouriçados,
Ás pungentes azas dando.
Ah Celia amavel! que somos victimas
De seus immanes impetos;
Volveu-te a força das crueis rajadas
Os brancos membros tremulos,
As faces carmesins, as mãos roxeadas.
Que faremos?
Como á fria estação fugiremos?
Eia, ledos a Baccho brindemos
De seu fero rigor zombaremos:
Aqui temos
Longo esquadrão de gravidas botelhas,
Qu'as boccas vermelhas
Têm inda arrolhadas:
Destapemol-as,
Despejemol-as;
Eis já saltam as rolhas!
E involto em alegria
Tres copos coroados
Já vejo, ó Celia! de espumosas bolhas.
As orgias celebremos:
Evohé! Peian! cantemos;

E co'os braços enlaçados,
Ledos brindes revezados
Hoje a Bromio tributemos:
Qual de nós libar primeiro
De seu copo o nectar puro,
Tome posse do terceiro...
Evohé! que fui eu mais ligeiro!
Por mais que ufane,
Celia formosa,
Por apartar-nos
A sorte avessa,
Não te pareça
Que separar-nos
Ha de podêr.
Jámais: o licor placido,
Que do almo Dionyso perfuma os altares,
Desaloje cruentos pezares,
Cuidados mortiferos,
Remorsos anguiferos
D'essas almas, obtusas, vulgares,
Que de nós murmuram,
Que brutaes procuram
Um laço desatar, qu'a sympathia
A nossos corações forjara,
Que protege a razão, que o céu ampara,
E mais aperta amor de dia em dia.
Eis a mente veloz se annuvia!
O peito me enfurece
Frenetica alegria...
Evan! que me parece
Qu'em sanhudo leão me converto...
Não me hallucino, é certo:
Hispida juba na cerviz me ondeia...

Garras crueis rompentes...
Sanguineos olhos, aguçados dentes...
Ébrio furor me presta.

. . . .

B. M. Curvo Semedo.

GENERO PASTORIL

ECLOGA

Quão docemente agora aqui cantava
Um rouxinol entre estas aveleiras,
Em quanto Phyllis sua dor chorava!
Eu vim a lançar fóra estas cordeiras
D'aquelle trigo; e não lhe ouvi jámais
Senão as differenças derradeiras.
A semventura Phyllis deu uns ais
Tão sentidos então, que me cortou
O coração com dôr, de dôres taes.
Emfim, triste se foi, elle voou:
Não sei se voou triste, ou voou ledo;
Quammanha saudade me deixou!...
Não sou eu tão ditosa, que mais cedo
Viera a me lograr do seu bom canto;
Se eu não gritara, elle estivera quedo.
Inda que foi melhor assi; por quanto
A mágua fôra mór, que não o gosto,
D'aquella triste, ouvindo o triste canto.
Mal haja quem dá causa, que tal rosto

Em lagrymas se lava: desamado
Seja quem seu amor tem n-outra posto.
  Quanto mais firme, e mais desinganado,
Foi o amor de Delio com Liarda;
Inda que tambem d'ella mal olhado!
  Cruel amor, que nunca razão guarda,
A culpa tem de tantas semrazões:
Um bem me prometteu: quanto que tarda!
  Assi nos vai roubando os corações,
A troco de esperanças duvidosas,
Fundadas sempre em vãs opiniões.
  Ditosas são por certo: ah! quão ditosas,
Que são aquellas nymphas, que não amam!
Tristes, as que do amor vivem queixosas!
  Quantas vezes, em vão, seu fado chamam!
Cruel, cruel amor, cruel ventura!
Que suspiros, que lagrymas derramam!
  Que val mostrar nos olhos a brandura
Do coração vencido? que nos val
As tristes, digo, graça e formosura?
  Se somos desprezadas; grande mal!
Se mal tamanho não acaba asinha,
Asinha acabará quem sente tal.
  Eu, coitada de mim! já triste vinha;
Mas não cuidei de me tornar mais triste:
A dôr de Phyllis me dobrou a minha.
  Dá-nos, ingrato amor, pois nos feriste,
Algum remedio já, se não vingança,
De quem a nós despreza, a ti resiste.
  Em promessas foi pôr minha esperança,
Semventura de mi! mas que promessas,
Tão doces, inda as tenho na lembrança!
  — Assi, Marilia minha, não te esqueças

De Silvio (o mesmo Silvio me dizia),
Que nunca negue cousa, que me peças.
  Por ti antre serpentes andaria
Seguro; por ti ledo, e sem temor,
Por antre fogo e ferro passaria.
  Creou amor em mi um novo amor,
Um coração tão novo, que sem ti
Sente no mór descanço maior dôr.
  N-aquelle mesmo ponto, em que te vi,
Fosse força d'amor, fosse d'estrellas,
O gosto de mais ver logo perdi.
  Muitas ovelhas; e as mais d'ellas
Parem, de cada parto, dois cordeiros:
O leite tambem é dobrado n-ellas.
  Tenho cem cabras mais; que dois rafeiros,
Um malhado de negro, outro de branco,
Nos valles guardam sempre, e nos outeiros.
  Pois tanger e cantar! poucos em campo
Ousam entrar comigo; porque sabem
Que taes dois mestres tive, Alcino e Franco.
  Inda que de gabar-me me desgabem,
Gabo-me; porque saibas que não erras,
Em querer que meus males já se acabem.
  Viveremos aqui entre estas serras
Contentes (quão contentes!) sem inveja
D'outros, que tem mais gados n-outras terras.
  Que falta a quem alcança o que deseja?
Que tem o que não tem gosto da vida,
Inda que só do mundo senhor seja? —
  Ah pastor falso! desque de vencida
Com teus doces inganos me levaste,
Quão asinha de ti fui esquecida!
  Mostravas querer bem, e nunca amaste:

E certo que os amores, que mostravas,
Ou os ouviste de outro, ou os sonhaste.
  Amava-te sâmente; se cuidavas
Outra cousa de mi, bem podes crer,
Que tambem a ti mesmo t'inganavas.
  Mas que me fez a dôr aqui dizer?
Aqui, onde só echo a meus queixumes,
E Silvio não, me póde responder!
  Depois que atravessou os altos cumes
D'aquella serra, não quiz mais tornar.
Negros fados os meus! negros ciumes!
  Deixou-me já tão pouco qu'esperar,
Que bem seria que desesperasse;
Mas inda amor me não quer dar logar.
  Em fim tornar-me quero: s'encontrasse
Acaso este cruel, meu inimigo,
Certo, que ver-me triste o alegrasse!
  Andae, minhas cordeiras; ai! no trigo
Entraram outra vez! outra vez fóra
As deitarei: á dôr, que vai comigo,
Coitada! não; que dentro n-alma mora.

BERNARDES.

GENERO EPIGRAMMATICO

EPIGRAMMA

A MEDICINA

  A morte, perdendo a fouce,
Creu sua força desfeita:
Disse-lhe um medico insigne:
«Aqui tens esta receita.»

BOCAGE.

OS JOGADORES

Umas cabeças vãs, uns ociosos,
Despidos de virtude e de talento,
Põem grande estudo, grão divertimento
N'uns naipes maus, n'uns dados acintosos:
Perdem, por passa tempo,
O irrevocavel tempo.
Nescios! não vêem, não sentem consumida
A saude; queixosa a honra, a vida?
Só depois de agastar-se um dia inteiro,
Sentem o menos — sentem o dinheiro.

Francisco Manuel do Nascimento, (*Filinto Elysio*).

MADRIGAL

«Prazer! Prazer! oh! falso, oh! bandoleiro!
«Que fugindo te ausentas
«De nós sem saudade, e tão ligeiro:
«As penas nos augmentas,
«Se, mal que te acolhêmos, já nos deixas.»
Eis que o lindo Prazer tão suspirado
Me responde: — Que vãs são tuas queixas!
— Aos numes graças rende, que hão creado
— O Prazer breve: que a ser eu comprido,
— Me houveram (certo) para si retido.

Idem.

DECIMAS

NA DESPEDIDA D'UM MINISTRO, QUE PARTIA, LEVANDO SEUS FILHOS

A lei da pura amizade
Minhas lagrymas condemna;
Quer que ceda a minha pena
Á tua felicidade.
Vae; e em quanto a vil maldade,
E a intrigante cubiça,
A baixa inveja, a injustiça
Pesas na recta balança,
Conserva de mim lembrança
Que é tambem fazer justiça.
E vós, lindos innocentes,
Que n-essas tenras edades
Já sabeis mover saudades
Nos amigos, nos parentes:
Quando lhe virdes pendentes
As balanças da razão,
Ide enternecel-o então
Com risos, com gestos novos;
Lembrae-lhe que aquelles povos,
Como vós, seus filhos são.

NICOLAU TOLENTINO.

SONETO

Á FELIZ ACCLAMAÇÃO D'EL-REI D. JOÃO IV

Cesarões, Viriatos, Apimanos,
Vós que, brandindo vingadora espada,
Tentastes sacudir da patria amada
O vil, o ferreo jugo dos romanos:
  Surgi, vede-a no sangue de tyrannos
Inda peiores outra vez banhada,
E a nossa liberdade edificada
No estrago dos intrusos castelhanos.
  Aos senhores do mundo armipotentes
Arrancastes, em bellica porfia,
Parte do louro que lhe honrava as frentes:
  Porém, com milagrosa valentia,
Os vossos memoraveis descendentes
Fizeram mais, salvaram-se n-um dia.

Bocage.

CONTRADICÇÕES DO ATHEISMO

  Qual novo Orestes entre as furias brada
Infeliz, que não crê no Omnipotente;
Com systema sacrilego desmente
A razão luminosa, a fé sagrada:
  Tua barbara voz iguale ao nada

O que em todas as cousas tem presente;
Basta que o sabio, o justo, o pio, o crente
Louve a mão, contra os maus do raio armada.
   Mas vê, blasphemo athêo, vê, monstro horrendo,
Que a bruta opinião, que cego expressas,
A si mesma se está contradizendo:
   Pois quando de negar um Deus não cessas,
De tudo o inerte acaso auctor fazendo,
No acaso, a teu pesar, um Deus confessas!

Bocage.

SENTIMENTOS DE CONTRIÇÃO E ARREPENDIMENTO DA VIDA PASSADA

   Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana:
   De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem damna.
   Prazeres, socios meus e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não roube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos:
   Deus, oh! Deus!... Quando a morte á luz me coube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

Idem.

COMPOSIÇÕES MODERNAS

A CRUZ MUTILADA

Amo-te, oh! cruz, no vertice firmada
De esplendidas egrejas:
Amo-te quando á noite, sobre a campa,
Juncto ao cypreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam:
Amo-te quando em prestito festivo
As multidões te hasteiam;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbyterio,
Ou quando o morto, impressa no ataude,
Guías ao cemiterio;
Amo-te, oh! cruz, até, quando no valle
Negrejas triste e só,
Nuncia do crime, a que deveu a terra
Do assassinado o pó:

Porém quando mais te amo,
Oh! cruz do meu Senhor,
É se te encontro á tarde,
Antes do Sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredo assombra,
Quando á luz que fenece
Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hymno da tarde
O pinheiral murmura.

Eu te encontrei, n'um alcantil agreste,
Meia quebrada, oh! cruz! Sosinha estavas
Ao pôr do Sol, e ao elevar-se a Lua
Detrás do calvo cerro. A soledade
Não te pôde valer contra a mão impia,
Que te feriu sem dó. As linhas puras
De teu perfil, falhadas. tortuosas,
Oh! mutilada cruz, fallam de um crime
Sacrilego, brutal e ao impio inutil!
A tua sombra estampa-se no solo,
Como a sombra de antigo monumento,
Que o tempo quasi derrocou, truncada.
No pedestal musgoso, em que te ergueram
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,
Do presbyterio rustico mandava
O sino os simples sons pelas quebradas
Da cordilheira, annunciando o instante
Da *Ave Maria;* da oração singela,
Mas solemne, mas sancta, em que a voz do homem
Se mistura nos canticos saudosos,
Que a natureza envia ao céu no extremo
Raio de sol, passando fugitivo
Na tangente deste orbe, ao qual trouxeste
Liberdade e progresso, e que te paga
Com a injuria e o desprezo, e que te inveja
Até, na solidão, o esquecimento!

Foi da sciencia incredula o sectario,

Acaso, oh! cruz da serra, o que na face
Affrontas te gravou com mão profusa?
Não! Foi o homem do povo, a quem consolo
Na miseria e na dôr constante has sido
Por bem dezoito seculos: foi esse
Por cujo amor surgias qual remorso
Nos sonhos do abastado ou do tyranno,
Bradando — *esmola!* a um; — *piedade!* ao outro.
Oh! cruz, se desde o Golgotha não fôras
Symbolo eterno de uma crença eterna;
Se a nossa fé em ti fosse mentida,
Dos oppressores de outr'ora os livres netos
Por sua ingratidão dignos de opprobrio,
Se não te amassem, ainda assim seriam.
Mas és nuncia do céu, e elles te insultam,
Esquecidos das lagrimas perennes
Por trinta gerações, que guarda a campa,
Vertidas a teus pés nos dias torvos
Do seu viver d'escravidão! Deslembram-se
De que, se a paz domestica, a pureza
Do leito conjugal bruta violencia
Não vai contaminar, se a filha virgem
Do humilde camponez não é ludibrio
Do opulento, do nobre, oh! cruz, t'o devem;
Que por ti o cultor de ferteis campos
Colhe tranquillo da fadiga o premio,
Sem que a voz de um senhor, qual d'antes, dura
Lhe diga: — é meu, e és meu! A mim deleites,
Liberdade, abundancia: a ti, escravo,
O trabalho, a miseria unido á terra
Que o suor dessa fronte fertilisa,
Emquanto, em dia de furor ou tedio,
Não me apraz com teus restos fecundal-a.»

Quando calada a humanidade ouvia
Este atroz blasphemar, tu te elevaste
La do Oriente, oh! cruz, envolta em gloria,
E bradaste, tremenda, ao forte, ao rico: —
Mentira!» E o servo alevantou os olhos,
Onde a esperança scintillava, a medo,
E viu as faces do senhor retinctas
Em pallidez mortal e errar-lhe a vista
Trépida, vaga. A cruz no céu do oriente
Da liberdade annunciara a vinda.

Cansado, o ancião guerreiro, que a existencia
Desgastou no volver de cem combates,
Ao vêr que, emfim, o seu paiz querido
Já não ousam calcar os pés d'estranhos,
Vem assentar-se á luz meiga da tarde,
Na tarde do viver, juncto do teixo
Da montanha natal. Na fronte calva,
Que o Sol tostou e que enrugaram annos,
Ha um como fulgor sereno e sancto.
Da aldeia semideus devem-lhe todos
O tecto, a liberdade, e a honra e vida.
Ao perpassar do veterano os velhos
A mão que os protegeu apertam gratos;
Com amorosa timidez os moços
Saudam-no qual pae. Nas largas noites
Da gelada estação, sobre a lareira
Nunca lhe falta o cepo incendiado;
Sobre a mesa frugal nunca, no estio,
Refrigerante pomo. Assim do velho
Pelejador os derradeiros dias
Derivam para o tumulo suaves,

Rodeados de affecto, e quando á terra
A mão do tempo gastador o guia,
Sobre a louza a saudade ainda lhe esparze
Flores, lagrymas, bençãos que consolem
Do defensor do fraco as cinzas frias.

Pobre cruz! pelejaste mil combates,
Os gigantes combates dos tyrannos,
E venceste. No solo libertado,
Que pediste? um retiro no deserto,
Um pincaro granitico, açoutado
Pelas azas do vento e ennegrecido
Por chuvas e por soes. Para ameigar-te
Este ar humido e gelido a segure
Não foi ferir do bosque o rei. Do estio
No ardor canicular nunca disseste:
Dae-me sequer do bravo medronheiro
O desprezado fructo! O teu vestido
Era o musgo, que tece a mão do inverno,
E Deus creou para trajar as rochas.
Filha do céu, o céu era o teu tecto,
Teu escabello o dorso da montanha.
Tempo houve em que esses braços te adornava
C'roa viçosa de gentis boninas,
E o pedestal te rodeiavam preces.
Ficaste em breve só, e a voz humana
Fez, pouco a pouco, juncto a ti silencio.
Que te importava? As arvores da encosta
Curvavam-se a saudar-te, e revoando
As aves vinham circumdar-te de hymnos.
Afagava-te o raio derradeiro,
Frôxo do sol ao mergulhar nos mares,
E esperavas o tumulo. O teu tumulo

Devera ser o seio destas serras,
Quando, em génesis novo, á voz do Eterno,
Do orbe ao nucleo fervente, que as gerara,
Ellas nas fauces dos vulcões descessem.
Então para essa campa flores, bençãos,
Ou de saudades lagrymas vertidas,
Qual do velho soldado a lousa pede,
Não pediras á ingrata raça humana,
Ao pé de ti no seu sudario envolta.

Este longo esperar do dia extremo,
No esquecimento do ermo abandonada,
Foi duro de soffrer aos teus remidos,
Oh! redemptora Cruz. Eras, acaso,
Como um remorso e accusação perenne
No teu rochedo alpestre, onde te viam
Pousar tristonha e só? Acaso, á noite,
Quando a procella no pinhal rugia,
Criam ouvir-te a voz accusadora
Sobrelevar á voz da tempestade?
Que lhe dizias tu? De Deus fallavas,
E do seu Christo, do divino martyr,
Que a ti, supplicio e affronta, a ti maldicta
Ergueu, purificou, clamando ao servo,
No seu transe final: — Ergue-te, escravo!
És livre, como é pura a cruz da infamia,
Ella vil e tu vil, sanctos, sublimes
Sereis ante meu Pae. Ergue-te, escravo!
Abraça tua irmã: segue-a sem susto
No caminho dos seculos. Da terra
Pertence-lhe o porvir, e o seu triumpho
Trará da tua liberdade o dia.»

Eis porque teus irmãos te arrojam pedras,
Ao perpassar, oh! cruz! Pensam ouvir-te,
Nos rumores da noite, a antiga historia
Recontando do Golgotha, lembrando-lhes
Que só ao Christo a liberdade devem,
E que impio o povo ser é ser infame.
Mutilado por elle, a pouco e pouco,
Tu em fragmentos tombarás do cerro,
Symbolo sacrosancto. Hão de os humanos
Aos pés pisar-te; e esquecerás no mundo.
Da gratidão a divida não paga
Ficará, oh! tremenda accusadora,
Sem que as faces lhes tinja a còr do pejo;
Sem que o remorso os corações lhes rasgue.
Do Christo o nome passará na terra.

Não! Quando, em pó desfeita, a cruz divina
Deixar de ser perenne testemunho
Da avíta crença, os montes, a espessura,
O mar, a lua, o murmurar da fonte,
Da natureza as vagas harmonias,
Da cruz em nome, fallarão do Verbo.

Della no pedestal, então deserto,
Do deserto no seio, ainda o poeta
Virá, talvez, ao pôr do sol sentar-se;
E a voz da selva lhe dirá que é sancto
Este rochedo nú, e um hymno pio
A solidão lhe ensinará e a noite.

Do cantico futuro uma toada
Não sentes vir, oh! cruz, de além dos tempos

Da brisa do crepusculo nas azas?
É o porvir que te proclama eterna;
É a voz do poeta a saudar-te.

Montanha do oriente,
Que, sobre as nuvens elevando o cume,
Divisas logo o sol, surgindo a aurora,
E que, lá no occidente,
Ultima vês seu radioso lume,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Rochedo, que descanças
No promontorio nú e solitario,
Como atalaia que o oceano explora,
Alheio ás mil mudanças
Que o mundo agitam turbulento e vario,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Sobros, robles frondentes,
Cuja sombra procura o viandante,
Fugindo ao sol a prumo que o devora,
Nesses dias ardentes
Em que o Leão nos ceus passa radiante,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh! mato variado,
De rosmaninho e murta entretecido,
De cujas tenues flores se evapora
Aroma delicado;
Quando és por leve aragem sacudido,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh! mar, que vas quebrando
Rolo após rolo pela praia fria,
E fremes som de paz consoladora,
Dormente murmurando
Da caverna maritima sombria,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh! lua silenciosa,
Que em perpetuo volver, seguindo a terra,
Esparzes tua luz ameigadora
Pela serra formosa,
E pelos lagos que em seu seio encerra,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Debalde o servo ingrato
No pó te derribou
E os restos te insultou,
Oh! veneranda cruz:
Embora eu te não veja
Neste ermo pedestal;
És sancta, és immortal;
Tu és a minha luz!
Nas almas generosas
Gravou-te a mão de Deus
E, á noite, fez nos céus
Teu vulto scintillar.
Os raios das estrellas
Cruzam o seu fulgor;
Nas horas do furor
As vagas cruza o mar.
Os ramos enlaçados
Do roble, choupo e til,
Cruzando em modos mil,

Se vão entretecer.
   Ferido, abre o guerreiro
Os braços, solta um ai,
Pára, vacilla, e cai
Para não mais se erguer.
   Cruzado aperta ao seio
A mãe o filho seu,
Que busca, mal nasceu,
Fontes da vida e amor.
   Surges, symbolo eterno,
No céu, na terra e mar,
Do forte no expirar,
E do viver no alvor!

Alexandre Herculano.

A TEMPESTADE

Sibila o vento: — os torreões de nuvens
   Pésam nos densos ares:
Ruge ao largo a procella, e encurva as ondas
   Pela extensão dos mares:
A immensa vaga ao longe vem correndo,
   Em seu terror envolta:
E, d'entre as sombras, rapidas centelhas
   A tempestade solta.
Do sol no occaso um raio derradeiro,
   Que, apenas fulge, morre,
Escapa á nuvem, que, apressada e espessa,
   Para apagal-o corre.
Tal nos afaga em sonhos a esperança,

Ao despontar do dia,
Mas, no accordar, lá vem a consciencia
Dizer que ella mentia!
As ondas negro-azues se conglobaram;
Serras tornadas são,
Contra as quaes outras serras, que se arqueiam,
Bater, partir-se vão.

Oh tempestade! Eu te saúdo, oh nume,
Da natureza açoite!
Tu guias os bulcões, do mar princeza,
E é teu vestido a noite!
Quando pelos pinhaes, entre o granizo,
Ao sussurrar das ramas,
Vibrando sustos, pavorosa ruges
E assolação derramas,
Quem porfiar comtigo, então, ousara
De gloria e poderio;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?

Quem me déra ser tu, por balouçar-me
Das nuvens nos castellos,
E ver dos ferros meus, emfim, quebrados
Os rebatidos élos.
Eu rodeára, então, o globo inteiro;
Eu sublevára as aguas;
Eu dos volcões com raios accendera
Amortecidas fráguas;
Do robusto carvalho e sobro antigo
Acurvaria as frontes;
Com furações os areiaes da Lybia
Converteria em montes;

Pelo fulgor da lua, lá do norte
No polo me essentára,
E vira prolongar-se o gelo eterno,
Que o tempo amontoára.
Alli, eu solitario, eu rei da morte,
Erguera meu clamor,
E dissera: — «sou livre e tenho imperio;
Aqni, sou en senhor!»

Quem se podéra erguer, como estas vagas,
Em turbilhões incertos,
E correr, e correr, troando ao longe,
Nos liquidos desertos!
Mas entre membros de lodoso barro
A mente presa está!...
Ergue-se em vão aos céus: precipitada,
Rapido, em baixo dá.

Oh morte, amiga morte! é sobre as vagas,
Entre escarcéus erguidos,
Que eu te invoco, pedindo-te feneçam
Meus dias aborridos:
Quebra duas prisões, que a natureza
Lançou a esta alma ardente;
Que ella possa voar, por entre os orbes,
Aos pés do Omnipotente.
Sobre a nau, que me estreita, a prenhe nuvem
Desça, e estourando a esmague,
E a grossa proa, dos tufões ludibrio,
Solta, sem rumo vague!

Porém, não!... Dormir deixa os que me cercam
O somno do existir;

Deixa-os, vão, sonhadores de esperanças
Nas trévas do porvir.
Doce mãe do repouso, extremo abrigo
De um coração oppresso,
Que ao ligeiro prazer, á dor cançada
Negas no seio accésso,
Não despertes, oh não! os que abominam
Teu amoroso aspeito;
Febricitantes, que se abraçam, loucos,
Com seu dorido leito!
Tu, que ao misero rís com rir tão meigo,
Calumniada morte,
Tu, que entre os braços teus lhe dás asylo
Contra o furor da sorte;
Tu, que esperas ás portas dos senhores,
Do servo ao limiar,
E eterna corres, peregrina, a terra
E as solidões do mar,
Deixa, deixa sonhar ventura os homens;
Já filhos teus nasceram:
Um dia acordarão desses delirios,
Que tão gratos lhes eram.
E eu que vélo na vida, e já não sonho
Nem gloria, nem ventura:
Eu, que esgotei tão cedo, até as fézes,
O calix da amargura:
Eu, vagabundo e pobre, e aos pés calcado
De quanto ha vil no mundo,
Sanctas inspirações morrer sentindo
Do coração no fundo,
Sem achar no desterro uma harmonia
De alma, que a minha entenda,

Porque seguir, curvado ante a desgraça,
Esta espinhosa senda?

Torvo o oceano vai! Qual dobre, soa
Fragor da tempestade,
Psalmo de mortos, que retumba ao longe,
Grito da eternidade!...

Pensamento infernal! Fugir covarde
Ante o destino iroso?
Lançar-me, envolto em maldicções celestes,
No abysmo tormentoso?
Nunca! Deus pôs-me aqui para apurar-me
Nas lagrymas da terra;
Guardarei minha estancia atribulada,
Com meu desejo em guerra.
O fiel guardador terá seu premio,
O seu repouso, emfim,
E atalaiar o sol de um dia extremo
Virá outro após mim.
Herdarei o morrer! Como é suave
Bençam de pae querido.
Será o despertar, ver meu cadaver,
Ver o grilhão partido.

Um consolo, entretanto, resta ainda
Ao pobre velador:
Deus lhe deixou nas trévas da existencia,
Doce amizade e amor.
Tudo o mais é sepulchro branqueado
Por embusteira mão;
Tudo o mais vãos prazeres, que só trazem
Remorso ao coração.

Passarei minha noite a luz tão meiga,
Até o amanhecer;
Até que suba á patria do repouso,
Onde não ha morrer.

ALEXANDRE HERCULANO.

IGNOTO DEO

Creio em ti, Deus: a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
És: — o que és não sei. Deriva
Meu ser do teu: luz... e treva,
Em que — indistinctas! se envolve
Este espirito agitado,
De ti vem, a ti devolve.
O Nada, a que foi roubado
Pelo sopro creador
Tudo o mais, o ha de tragar.
Só vive de eterno ardor
O que está sempre a aspirar
Ao infinito d'onde veiu.
Belleza és tu, luz és tu,
Verdade és tu só. Não creio
Senão em ti; o olho nú
Do homem não vê na terra
Mais que a duvida, a incerteza,
A fórma que engana e erra.
Essencia! a real belleza,

O puro amor — o prazer
Que não fatiga e não gasta...
Só por ti os póde ver
O que inspirado se afasta,
Ignoto Deus, das ronceiras,
Vulgares turbas: despidos
Das cousas vans e grosseiras
Sua alma, razão, sentidos,
A ti se dão, em ti vida,
E por ti vida tem. Eu, consagrado
A teu altar, me prostro, e combatida
Existencia aqui ponho, aqui votado
Fica este livro — confissão sincera
Da alma que a ti voou e em ti só espera.

ALMEIDA GARRETT.

A CAMÕES

Ai do que a sorte assignalou no berço
Inspirado cantor, rei da harmonia!
Ai do que Deus ás gerações envia
Dizendo: vae, padece, é teu fadario,
Como um astro brilhante o mundo o admira,
Mas não vê que essa chamma abrazadora
Que o cerca d'esplendor, tambem devora
Seu peito solitario.

Pairar nos céus em alteroso adejo,
Buscando amor, e vida, e luz, e glorias,
E ver passar quaes sombras illusorias
Essas imagens de fulgor divino:

Taes são vossos destinos, ó poetas,
Almas de fogo que um vil mundo encerra;
Tal foi, grande Camões, tal foi na terra
Teu misero destino.

A cruz levaste desde o berço á campa:
Esgotaste a amargura até ás fezes:
Parece que a fortuna em seus revezes
Te mediu pelo genio a desventura.
Combateste com ella como o cedro
Que provoca o rancor da tempestade,
Mas cuja inabalavel majestade
Lhe resiste segura.

Foste grande na dôr como na lyra!
Quem soube mais soffrer, quem soffreu tanto?
Um anjo viste de celeste encanto,
E aos pés caiste da visão querida...
Engano! foi um astro passageiro,
Foi uma flôr de perfumado alento
Que ao longe te sorriu, mas que sedento
Jámais colheste em vida.

Sob a couraça que cingiste ao peito
Do peito ancioso suffocaste a chamma,
E foste ao longe procurar a fama,
Talvez, quem sabe? procurar a morte.
Mas, qual onda que o naufrago arremessa
Sobre inhospita praia sem guarida,
A morte crua te arrojou á vida,
E ás injurias da sorte.

De praia em praia divagando incerto

Tuas desditas ensinaste ao mundo:
A terra, os homens, té o mar profundo
Conspirados achavas em teu damno,
Ave canora em solidão gemendo,
Tiveste o genio por algoz ferino:
Teu alento immortal era divino,
Perdeste em ser humano.

Indicos valles, solidões do Ganges
E tu, ó gruta de Macau, sombria,
Vós lhe ouvistes as queixas, e a harmonia
Desses hymnos que o tempo não consome.
Foi lá, foi nessa rocha solitaria,
Que o vate desterrado e perseguido,
Á patria ingrata, que lhe dera o olvido,
Deu eterno renome.

«Cantemos!» disse, e triumphou da sorte.
«Cantemos!» disse, e recordando glorias,
Sobre o mesmo theatro das victorias,
Bardo guerreiro, levantou seus hymnos,
Os desastres da patria, a sua quéda
Temendo já no meditar profundo,
Quiz dar-lhe a voz do cysne moribundo
Em seus cantos divinos.

E que sentidos cantos! d'Ignez triste
Se ouve mais triste o derradeiro alento,
Ensinando o que póde o sentimento
Quando um seio que amou d'amores canta;
No brado heroico da guerreira tuba
O valor portuguez sôa tremendo,
E o fero Adamastor com gesto horrendo

Inda hojo o mundo espanta!
Mas ai! a patria não lhe ouvia o canto!
Da patria e do cantor findava a sorte:
Aos dous juraram perdição e morte,
E os dous junctaram na mansão funerea....
Ingratos! ao que alçando a voz do genio
Além dos astros nos erguêra um solio,
Decretaram por louro e capitolio
O leito da miseria!

Ninguem o pranto lhe enxugou piedoso...
Valeu-lhe o seu escravo, o seu amigo:
«Dae esmola a Camões, dae-lhe um abrigo!»
Dizia o triste a mendigar confuso!
Homero, Ovidio, Tasso, extranhos cysnes,
Vós que sorvestes do infortunio a taça,
Vinde depôr as c'rôas da desgraça
Aos pés do cysne luso!

Mas não tardava o derradeiro instante...
O raio ardente que fulmina a rocha,
Tambem a flôr que nella desabrocha,
Cresta, passando, co'as ethereas lavas:
Que scena! em quanto ao longe a patria exangue
Aos alfanges mouriscos dava o peito,
De misero hospital n'um pobre leito,
Camões, tu expiravas!

Oh! quem me dera desse leito á beira
Sondar teu grande espirito nessa hora,
Por saber, quando a mágoa nos devora,
Que dôr póde conter um peito humano;
Palpar teu seio, e nesse estreito espaço

Sentir a immensidade do tormento,
Combatendo-te n'alma, como o vento
Nas ondas do oceano!

O amor da patria, a ingratidão dos homens,
Natercia, a gloria, as illusões passadas,
Entre as sombras da morte debuxadas
Em teu pallido rosto já pendido;
E a patria, oh! e a patria que exaltáras
Nessas canções d'inspiração profunda,
Exhalando comtigo moribunda
Seu ultimo gemido!

Expirou! como o nauta destemido,
Vendo a procella que o navio alaga,
E ouvindo em roda no bramir da vaga
D'horrenda morte o funeral presagio,
Aos entes corre que adorou na vida,
Em seguro baixel os põe a nado,
E esquecido de si morre abraçado
Aos restos do naufragio:

Assim, da patria que baixava á tumba,
Em cantos immortaes salvando a gloria,
E entregando-a dos tempos á memoria,
Como em gigante pedestal segura:
«Patria querida, morremos junctos!»
Murmurou em accento funerario,
E envolvido da patria no sudario
Baixou á sepultura.

Quebrando a lousa do feral jazigo,
Portugal resurgiu, vingando a affronta,

E inda hoje ao mundo sua gloria aponta
Dos cantos de Camões no eterno brado;
Mas do vate immortal as frias cinzas
Esquecidas deixou na sepultura,
E o estrangeiro que passa em vão procura
Seu tumulo ignorado.

Nenhuma pedra ou inscripção ligeira
Recorda o grão cantor... porém calemos!
Silencio! do immortal não profanemos
Com tributos mortaes a alta memoria.
Camões, grande Camões, foste poeta!
Eu sei que tua sombra nos perdôa:
Que valem mausoléus ante a corôa
De tua eterna gloria?

A. A. Soares de Passos.

PERFUME DA ROSA

Quem bebe, rosa, o perfume
Que de teu seio respira?
Um anjo, um sylpho? Ou que nume
Com esse aroma delira?

Qual é o Deus que, namorado,
De seu throno te ajoelha,
E esse nectar encantado
Bebe occulto, humilde abelha?

— Ninguem? — Mentiste; essa frente
Em languidez inclinada,

Quem t'a poz assim pendente?
Dize, rosa namorada.

E a côr de purpura viva
Como assim te desmaiou?
E essa pallidez lasciva
Nas folhas quem t'a pintou?

Os espinhos que tão duros
Tinhas na rama lustrosa,
Com qne magos esconjuros
T'os desarmaram, ó rosa?

E porque, na hástea sentida
Tremes tanto ao pôr do Sol?
Porque escutas tão rendida
O canto do rouxinol?

Que eu não ouvi um suspiro
Sussurrar-te na folhagem?
Nas aguas desse retiro
Não espreitei a tua imagem?

Não a vi afflicta, anciada...
—Era de prazer ou dôr?—
Mentiste, rosa, és amada,
E tambem tu amas, flor.

Mas ai! se não fôr um nume
O que em teu seio delira,
Ha de matal-o o perfume
Que nesse aroma respira.

ALMEIDA GARRETT.

O SINO DA MINHA TERRA

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
Despertando echos do peito,
Faz-me ficar pensativo!

Era assim que tu cantavas,
Quando nasceu minha mãe,
Quaado a viste ser esposa,
E após ter filhos tambem.

Choraste-a quando ao sepulchro...
Longe ideia tão funesta!...
Era assim que te alegravas
Todos os dias de festa.

Era assim que te folgaste
Quando fui, debil menino,
Mergulhar nas sanctas aguas
O meu corpo pequenino.

Era assim que ao céu dizias,
Acompanhando a oração,
— Mais um roubo a Satanaz,
Para Deus mais um christão.

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
A cada nova pancada
Me torna mais pensativo.

Quantas vezes me chamaste,
Em meio de meus folguedos,
A louvar co'o povo todo
Da igreja sanctos segredos!

Ora á missa convidando,
Ora ao solemne sermão,
Ora a invejar os anjinhos
Que levava a procissão.

Eu era doido no templo
Co'os sons do orgão sagrado,
Canto, incenso, ramalhetes,
E co'o throno illuminado.

Minhas preces mal sabidas
Eram todas d'innocencia,
Inda os labios ignoravam
As preces da penitencia.

Oh! como tu me recordas,
Nessa voz enternecida,
Doce viver dessas horas
Da aurora doce da vida!

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado commigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Ás vezes nas horas quentes,
Quando eu brincava e sorria,
Vinhas tu bradar-me: «reza,
Que é chegado o meio dia!»

Ás vezes na hora da sésta
Acordava ao teu clamor,
Era um christão que pedia
A visita do senhor.

Ás vezes juncto da noite
Tristonho amando um retiro,
Tu me afagaste junctando
Teu suspiro ao meu suspiro.

Ás vezes tambem vieste
Dizer-me, com voz de ferro,
«Para aqui lá vem agora
Do teu amigo o enterro!

Eu chorava... eras forçado,
Era a mão do atroz sineiro,
Não eras tu que buscavas
Ser da morte o pregoeiro.

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som casado commigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Com que esp'ranças vi saudar-te
Lavrador, que a lida insana
Deixava, para co'os filhos
Ir demandar a cabana!

Com que ledice te esp'ravam
Ternos amantes d'aldeia!
Tu lhes dizias a hora
Em que inda é morta a candeia.

Nada disso eu conhecia,
Mas tua voz feiticeira
Não me era nunca indiff'rente,
Nunca me foi extrangeira.

Hei vivido de ti longe,
Desde a infancia não te ouvi,
De novo agora te escuto,
De novo a infancia senti.

Vou partir... talvez não volte,
Mas levem-me echos da serra
Estes sons, que hei de amar sempre,
O sino da minha terra!

Se inda vier a morrer,
Chora no meu funeral,
E se fôr em terra alheia,
Repete o alheio signal!

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado commigo,
Inda na morte me agrada,
Inda alli sou teu amigo.

João de Lemos.

LAMENTO

Senhor! Senhor! que um ai nunca me ouviste
Na minha dôr!
Ai vida, vida minha, como és triste!...
Senhor! Senhor!

Quando eu nasci, o sol cobriu o rosto
Mal que eu o vi!
Tingiu-se o céo de sangue, e era sol-posto,
Quando eu nasci!

Pela manhã, a rosa era mais alva
Que a alva lã!
E o cravo desmaiou á estrella-d'alva,
Pela manhã!

Ao longe, o mar se ouviu, leão piedoso,
Um ai soltar!
Pelas praias se ouviu gemer ancioso,
Ao longe, o mar!

Oh rouxinol! a ti, nasce-te o dia
Ao pôr do sol!
Mostre-me a campa a luz que te alumia,
Oh rouxinol!

João de Deus.

EPITAPHIO

Aqui jaz um fidalgo portuguez,
Fidalgo d'uma vez.
Jaz? Não: vive na Historia;
E viverá, que ahi não ha preterito.
Teve este heroe a gloria...
Sim, o talento, o merito
De ser em mão de redea, em todo o mundo,
Uns dizem que o segundo,
Eu digo que o primeiro!
Era um soberbo e optimo cocheiro.

João de Deus.

A MONARCHIA

Andam a dizer mal da monarchia,
Mas sem razão, fallemos a verdade;
Porque aos bons ninguem dá mais garantia
Nem pune os maus com mais severidade.

Nunca paixões de certa qualidade
Prevaleceram contra o que cumpria,
Nem consta que inspirasse a iniquidade
Despacho, lei, decreto ou portaria.

Ha setecentos annos simplesmente
Que este systema nos governa e, vêde,
Commercio, industria, tudo florescente.

Os caminhos de ferro é uma rede!
E quanto a instrucção, toda esta gente
Faz riscos de carvão n'uma parede.

João de Deus.

FIM.

ADVERTENCIA

Na impressão escaparam não poucas imperfeições, o que muito sentimos; como porém a maior parte d'ellas se conhecem facilmente, abstemo-nos de fazer uma tabella de *erratas*.

Pedimos desculpa ao leitor, e promettemos ser mais cuidadoso para o futuro.

INDICE

OBRAS Á VENDA NA LIVRA[RIA]

DE

Manuel de Almeida Cabral — Coimbr[a]

Marques Lobo — Elementos de arithmetica, re[di]gidos em conformidade com o programma o[ffi]cial dos lyceus, 4.ª edição, 1 vol. 600

—— Elementos de chimica, redigidos em conformidade com o programma official dos lyceus, 1 vol. 800

—— Historia natural — Botanica, Mineralogia e Geologia, redigidos em conformidade com o programma official dos lyceus, 1 vol. 800

—— Historia natural — Zoologia, redigida em conformidade com o programma official dos lyceus, 1 vol. 800

—— Trignometria rectilinea, redigida em conformidade com o programma official dos lyceus, 1 vol. 600

L. da Costa e Manso Preto — Arithmetica ou noções elementares da sciencia dos numeros, 1 vol. 1$000

A. Zeferino — Algebra elementar para uso dos lyceus, redigida em harmonia com o programma official, 1 vol. .... 1$200

—— Elementos de trigonometria, 1 vol. 800

Castro Freire e Sousa Pinto — Geometria elementar theorica e pratica, 5.ª edição, 1 vol.... 1$200